

Fabiane Borges & Hilan Bensusan

Breviário de  
Pornografia  
Esquisotrans

*para as pessoas do avesso*



Fabiane Borges & Hilan Bensusan

Breviário de  
Pornografia  
Esquisotrans

*para as pessoas do avesso*



in libris libertas

SETEMBRO, 2010  
Direitos de Publicação Reservados

**Editores**

Gina Cordeiro Silva  
Ricardo Henrique de Brito e Sousa

Assistente Editorial  
Moreno Cordeiro Carvalho

Assistente de Produção  
Luanna Cordeiro

Revisora (dos autores)  
Marcelly Costa

Arte da Capa  
Estúdio Ex Libris

**Conselho Editorial**

Ada Augusta Celestino Bezerra  
Doutora em Educação – USP (SP)

Antenor Rita Gomes  
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (BA)

Gina Cordeiro Silva  
Mestre em Educação, Comunicação e Administração – UNIMARCO (SP)

Harrysson Luiz da Silva  
Pós-Doutor em Ergonomia Cognitiva - UFSC (SC)

José Rodorval Ramalho  
Doutor em Ciências Sociais – PUC (SP)

Omar da Silva Lima  
Doutor e Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília – UnB (DF)

Ricardo Henrique da Costa e Sousa  
Pós Doutor em Ciências Biológicas pela Harvard University (EUA)

Ricardo Vélez Rodríguez  
Pós Doutor pelo Centre de Recherches Politiques Raymond Aron, Paris (França)

Samuel Pereira Campos  
Doutor em Linguística Aplicada - UNICAMP - Campinas (SP)

Valeska Zanello  
Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (DF)

Vladimir Stolzenberg Torres  
Doutor em Informática na Educação pela UFRGS (RS)

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Borges, Fabiane & Bensusan, Hilan.

Breviário de Pornografia Esquisotrans: para as pessoas do avesso. Fabiane Borges e Hilan Bensusan. Brasília-DF. Ex Libris, 2010.

Bibliografia

1. Gênero 2. Erotismo 3. Pornografia

ISBN 8590 287-74-2

EDITORA EX LIBRIS  
(61) 3522-5196 e (61) 7813-2176  
[www.editoraexlibris.com.br](http://www.editoraexlibris.com.br)

Proibida a reprodução total ou parcial  
deste livro por qualquer meio ou  
sistema sem prévia autorização da  
editora ou do autor

## Prefácio

por Pedro Solange Tô Aberta Costa

O *Breviário de Pornografia Esquizotrans* narra. Exibe os hormônios dos acontecimentos. Um para cada lapso do Coletivo Esquizotrans, formado por Fabi Borges e Hilan Bensusan. E, não se enganem, é coletivo sim: são várias vozes e desejos que transitam por esses dois corpos e através de suas extensões. Corpos que sabem da passagem transformista pela vida, com glândulas e órgãos e olhares e toques.

A mais importante falha desse livro é a tradução de sensibilidades *queer*, através das narrações de corpos contaminados de criatividade, ruídos e prazer. No início da proliferação do que é *queer*, muitos reclamavam que era teoria de uma leitura academicamente difícil. Sim, e é; mas esse é o grande trunfo dessa obra. Ela é próxima de nós, é sutil, mas vigorosa, é informal sem ser fácil, é vida e teoricamente fértil e profunda. É a própria crise. E essa é a revolução: o medo de não reproduzir a “cultura” é o maior temor em relação às vivências *queer*. Não vamos compartilhar da voz da história escrita pelo vencedor. Não queremos o sistema heteronormativo, machista, branco, eurocêntrico, rico, limpo, intelectual, educado.

Um breviário. Dedicado às pessoas do avesso e também aos desejos que transitam e que escapam, que nasceram fugidos e vivem se deslocando. Aos que sabem que todo o dia é necessário inventar-se, ser outra coisa, pois a última desconstrução engessou, tornou-se rígida e o próprio desejo é cambiante. É dedicado aos que nunca encontraram um centro e sempre foram periferia. Aos que, no lixão, amaram. Aos que festejam sempre o lugar da costura, das marcas, da diferença, da abjeção, do *boderline*. Aos que não sabem que existem regras sobre o tesão. Aos que não acreditam que, com tanta criatividade e festa, apenas duas formas possam existir para comemorar: ou ser homem, ou ser mulher. Aos que sabem que a outra pessoa não é uma propriedade, mas uma floresta de possibilidades, onde vive uma fauna e flora riquíssima.

Só há perversidade na frustração da atração, quando corpos se desejam e não cumprem seu encontro. Por isso, arranquem de suas cabeças as placas de proibido estacionar. Abandonem corpos mecanizados, com desejos compulsórios pré-fabricados e saboreie a pornografia abastarda, não linear, a menos capitalista possível. Permita a excitação pelo diferente, mixe a alteridade, empodere o estranho. Seja uma grande glândula, um inócuo de hedonismo, uma magnífica vulva com um gigante clitóris pulsante, vivo, atraente.

Um ânus que pisca em *neon* convidando uma língua úmida, macia e sensual. Xingue com seu corpo na passarela da vida. Incomode quando não te enquadram. Escape das armadilhas e prisões de papai e mamãe. Amplie o máximo de prazer. Seja amorfo quando nada te excita por ser comum demais. Deixem que a perna solta e sem controle do cadeirante seja o *pointé* fálico. Crie espaços abertos onde multidões possam conversar e se relacionar, dentro e fora de si.

E, se algo te refletir aqui, não tente negar: você é mais uma que compartilha a esquizotransitoriedade. Você é um campo fértil ao prazer.

Para concluir, respondo a Spivak: Sim, nós podemos falar! E hoje é preferível uma proposição a uma pergunta: aqui está. Seja bem vinda.





## Sumário

disposições, desproporções, desapropriações – a saída pela esquerda: o que é esquizotrans?	13
infidelidade e descentralização	21
diferenças sexuais agudas	29
em cima do morro dos prazeres eu me monto herculina barbitúrico	37
amor no lixão	43
sexo e pânico	51
praça matute, madri	61

o anel brilhante de elfriede jelinek  
67

grupelhos de volúpia (BIJARI/SP)  
77

desmedidas  
83

brenda comendo david  
97

... eu sou o caminho, a verdade e a vida  
103

nem pertence a um corpo com órgãos demais  
111

puta ontológica  
121

projeto de duas feministas velhas  
133

medeias  
145

*“... queremos o capital  
dilacerado por sua  
desordem feita de  
desejos desertores”*



**disposições, desproporções, desapropriações**  
**– a saída pela esquizerda:**  
**o que é esquizotrans?**

*Esquizotrans* é um coletivo que nasceu da nossa vontade de ser coletivo, de ser parte de um agrupamento que confunde política com erótica. Nossa causa: as esquisitas. Queríamos imaginar que os esquisitos são uma pinguela aberta entre as vegetações quotidianas e as comunidades que vêm, abundantes. Não basta ser esquisita para pertencer ao nosso coletivo, tem que ser incompreendida também – e não ter tato algum para se desenvolver como capitalista vencedora – tem que ter uma dose de intolerância com os *winner*s e ser hedonista por natureza.

Tem que achar que merece o melhor por existir e encontrar maneiras de ter células furiosas quando isso não acontece. Andar com uma centelha de impaciência com a falta de compreensibilidade do mundo, com a falta de incompreensibilidade do mundo e com seu profundo mau gosto.

Dá pra entrar outros tipos também: os que não sabem ao certo em qual sexualidade se misturar e ficam confusas quando alguém pergunta quem. A partir desses nutrientes começamos a fazer combinações e vimos que pessoas que têm os dois braços tendem a não usar nenhum na hora do

coito ao contrário das lésbicas de um braço só, que usam todos os braços na hora da onça soltar água. Assim também acontece na hora de fazer a obra de arte, a obra prima ou a obra da construção. Queremos 23 segundos de Beatriz Ribas vendo as luzes que partem traçando riscos vermelhos e as que chegam com seus riscos brancos, trancada num quarto de hotel e que usa sua máquina fotográfica para acusar de performance seu devaneio solitário.

Nos carpetes da entrada dos quartos ficam pós de esquizotrans. É que o coletivo, escancarado, fica surgindo de umas impaciências e de uma confluência de fluxos feitos só de matéria despercebida. Tardio esquizotrans quer ser arte suave antes de fazer qualquer obra de arte – obra é coincidência, muito antes há a distância nítida entre a montanha de pedra e a fronha do céu. Uma polegada; mas nenhum dedo da nossa mão tem cabimento. Sobrou-lhe a arte das sobras, a política das dobras já que mesmo as figuras públicas do emaranhado de temperos dos controles – estas que estão na televisão e nos prédios do centro – tem rachaduras e rugas que dobram e esticam. Esquizotrans pré-existiu em todas as infiltrações – e o que infiltra mais do que um desejo espião? Ou um desejo clandestino, taciturno, virado do avesso? Ele se mistura com os acasos e copulam. Fazem a mudança na direção dos ventos. Pelo menos uma lufada. É ela, muito amor, muito obsessiva, acampada com sua porta mal-calculada virada para o sol. Uma tornozeleira de búzios solidária e dez dedos de datilógrafa. Afora isso, quase todas as redes do mundo. Piabas. Perspectivas.

Esquizotrans é mais ou menos como o homem que se cansou de roubar: por quê? Para deitar na cama de noite e lambar a baba da própria esperteza... Não ver as baratas subirem pela parede e desejar ser um operário. As insatisfações são os embrulhos das abundâncias – dali saem coelhos, dali saem chuchus, dali saem mundos minúsculos.

Gostamos de embrulhos e quem está todo empacotado pode até encontrar um porão secreto nesse coletivo de viciados em selvageria singela e delicada, que sabe apreciar o barulhinho da água ao longe, mesmo que seja do cano de descarga estragada do vizinho. Desconfiamos que os maneirismos pouco habituais são cartas marcadas no jogo duplo das patologias.

Estamos preocupados com o presente mais que perfeito do que de tão disforme perdeu a forma. O plástico, esplendoroso, vilão, bufão e companheiro sem cheiro, e não o elástico que sempre volta a sua forma inicial quando termina o safári na selva. Dissolver a forma; queremos o capital torto, tonto, dilacerado por sua desordem feita de desejos desertores. Deitamos na sombra subdesenvolvida que sobrevive à deriva de sua exploração. Queríamos dissolver os trailers de veraneio em fissuras arrebitadas e que a vida na terra se tornasse mais acrobática e menos atrofiada. Queremos enriquecer é coisa que move músculos, o que mais, o que mais? Queríamos acertar no feromônio da engrenagem. E dissolver a trituração em plêiades de braços e pernas disformes.

Não sabemos bem como fazer tudo isso, mas imaginamos que se injetarmos um desejinho frágil no cotidiano louco e enchermos de furinhos o ideal familiar da casa própria, da lanchinha comprada em 50 prestações e do amorzinho próprio podemos estar colaborando para uma estranha epifania molecular que verá nos poros dilatados a saída mais supérflua e menos autoritária que jamais se viu

Erótico é o contrário do acuado. O poder estabelecido se acostumou a se sustentar em procedimentos de desligamento das energias eróticas de quem fica subjugado. Sem forças que nos impulsionem a uma direção, ficamos paralisadas, inanimados, estáticos, desempoderadas, manobrados, acuadas. Arrancam nossas

capacidades mais promissoras difamando-as, nos deixando com vergonha delas, condenando-as no atacado, nos fazendo tomá-las como inapropriadas, desproporcionais, descabidas – ficamos apenas com o espectro do erotismo sancionado ou com força erótica nenhuma. Dominar é exilar, exilar os ímpetos que movem os corpos para que eles virem massa de manobra, matéria bruta para a ordem biopolítica. A ordem biopolítica depende de um balanço entre controle e vida: dominar é fabricar corpos desconfiados de si.

Os capitalismos – que controlam as vidas até sem discipliná-las – dominam nem sempre pelo exílio; eles são capazes de promover apropriações. A energia erótica fica canalizada e mesmo amplificada; ela não precisa ser maldita, mas tem que ser colocada em uma paisagem adequada. Amplificar é um modo de fazer com que as pessoas desanimem-se e submetam-se – elas se tornam transmissores. Canalizar é fazer as pessoas esperarem a hora certa – ou que fiquem exaustas na hora certa. A música é que é impulso em forma concentrada. Enquanto a xana se arrasta no asfalto, a energia erótica vital de multidões é mobilizada, o conteúdo erótico potencializado, as crônicas sociais aparecem, se difundem, porém junto a isso também o desvio da energia dessa massa de sua própria situação de servidão, pobreza, apequenamento. As colônias continuam a pagar aluguel. Diante dessa constatação, ao invés de lamentarmos a inevitável cooptação biopolítica, pensemos na estrondosa força do próprio dispositivo. A multidão é alegre, festiva, erotizada, sexy e gosta de balançar o rabo. Ao invés do tampão, o desvio. Ao invés do ataque de frente, a mobilização das energias vitais. Dispositivo poderoso de contenção, mas instrutivo: se não estivéssemos alucinadamente balançando o rabo para o melô do erotismo de massa, em que asfalto estaríamos arrastando a xana? Segure a tua força, prega a esquizerda aflita. E segura a força do teu rabo e do teu bando. Por essas e outras que sendo



esquizotrans a esquizerda penetra na produção de música de massa – axé, tecnobrega, funk – e fomenta por uns interiores o *Do It Yourself*, para que se multiplique tua própria breguice: ame passar protetor solar nos braços do vendedor de jornais.

A esquizerda fica tentando contrabandear energia erótica para dentro do que é político enquanto procura, com a outra mão, escancarar os semitons políticos do microerótico. E olha de frente sem piscar para o que ofusca erotismo. A esquizerda não cria barreiras contra o capitalismo e nem o acata como ele é. Ela quer distorcê-lo. Quer vampirizar suas energias. E inventar umas tantas outras: é proliferação, ao invés de organização da produção e da distribuição. Não se trata de desviar dos desejos que parecem implantados pela máquina de consumo e de manutenção das coisas, mas de retorçê-los, metê-los em uma outra paisagem de desejos; descanalização. Quem sabe faz a hora não espera a hora certa.

Esquizerda diz que é possível distorcer o capitalismo até ele se tornar irreconhecível. Não se trata de reformá-lo colocando os muros e as roldanas que faltam, não se trata de colocar restrições – trata-se de distorções. Criar monstros de muito mais tentáculos, muito mais que as cobras criadas do capitalismo – dissolver a sanha por acumular em um caldo de infiltrações por todos os lados. Dar um banho de desejos alternativos no capitalismo – quebrar cada uma das suas cercas. Certo, tudo é capital: tudo é apropriável pelo capital. (Até mesmo nosso tecnobrega esquizotrans vira lentamente produto Louis Vuitton.) Mas nada é só capital. O solvente que dissolve o capitalismo é feito das preliminares antes que as corporações cheguem. Mas as preliminares são um campo de batalha política: o capital é também preliminar para muitos desejos – antes do capital eletrônico não havia computadores, mas o capital fez preliminares para que houvesse uma explosão de meios que são mensagem. A

esquizerda se alia ao errorismo contra o capital, ao hedonismo contra o capital, aos bandos contra os abandonos. A esquizerda quer dissipar a ordem da renda per capital, e ela pretende desindividualizar. Ao invés de viver a sua própria vida, queremos viver a vida dos outros; nossas próprias vidas são a criação de uma erótica mesquinha.

Claro que estávamos pensando na política, na bioeconomia e na regiões flácidas nas águas termais. As águas termais estão dominadas pela arquitetura construída pelos corporativismos dos médicos, médicos estes que determinam que águas podem usufruir os sujeitos doentes e quais são só para os normais, os que ainda não constituíram patologias de dependência, os que estão só sob a potência do seu poder. Mas não há só isso nas águas termais. Inserir desejinhos é política – e o que mais é política? Os rios cheios de pedras, os instintos cheios de vontades, as rugas cheias de improvisos. Primeiro foi pornografia e depois foi política, perturbação e depois inspiração, primeiro foi distopia depois eroticomia. Acabem com os indivíduos com a sina pronta. Declaramos que somos também uma república insolente sem dono e aceitamos imigração. Misturar o sódio dos corpos, ficar insolente como uma Medeia diante da lei e da ordem: derrubá-las por sedução e envenenamento. E, no entanto, isso soava ainda distante demais.

Precisávamos de mais maquinaria, de menos pensamento, de mais afetação e menos credenciais. Estávamos fartos das credenciais. Fartos, fartíssimos. Às favas com elas – e nem fiquem contando favas. Ficávamos incomodadas diante da pergunta mais sincera do imigrante que atendia a mesa do bar: De onde vocês são? Insolência – ela pode ser mais desejada que consumo manso. Como você vai ser insubordinável hoje?

*“... não adianta patuá,  
não tente fugir dos  
fatos com palavras  
sem ordem”*



## infidelidade e descentralização

Era toda a brancura da areia junto com o verde e o azul do rio, uns pingos de neurose edipiana e confissões solícitas acompanhadas de *girlie drinks*, os temores trêmulos dos dedos no teclado do *laptop*, as pequenas ilhazinhas de areia do pensamento confinado. Ele próprio ilha, o pensamento, estendendo-se feito bracinhos para alcançar o outro lado, bracinhos de ponte. O outro lado usava três tornozeleiras, cabeça esguia como um *flamboyant* com a consciência de cada uma de suas flores no dia mais seco do ano, e o outro lado molhado e apoiando os pés na areia, as mãos espalmadas na praia e o quadril levantando e abaixando como uma versão acelerada das marés que enchem o rio de sal, e o rio que o põe para fora – o areal precisa de um dia inteiro, os bracinhos levantavam o torso em poucos segundos infieis; era um desejo de infidelidade naqueles movimentos ondulatórios ou era apenas um jeito manhoso de bolinar o vento sem parar de respirar? Não se tratava de braços nem de pontes, era o bolinar que estava em jogo. O lançar-se era um assassinato diário, que treinava junto aos seus 150 abdominais. Assassina as etapas como uma *serial killer* ativa, sem escrúpulo e cheia de vícios, de hábitos de subir em coqueiros compridos e arrancar o triunfo verde. Nem dragão nem serpente no braço, talvez a coceira

do piolho enjoado da cabeleira gorda, que fez morada na linha obscura do cotovelo. Ali guardava o tique da presença e da saudade da leoa. Poli-tique de leoas a toda, cavalas soltas domesticadas apenas nos descampados onde param e tremem e soltam seus abdominais com grunhidos estridentes, foscos, guturais, berros do diafragma cheio de fumaça amarela de ervas gratinadas, preparadas para matar uma vida a cada dia, as vidas doentias, as vidas que não adiam nada, as vidas que enchem as outras vidas de obediência de vida. Ela aranhava, ralava os ossos no chão e pulava de uma só vez imitando o ianomâmi que, longe dos olhos organizados, não-governamentais, testemunhas, lhe tirou uma casquinha servindo-lhe de banco para que ela lhe sentasse e arreganhasse as pernas; ainda que dela ele não tenha tirado nenhuma roupa, alimentou cinco das suas pulsões desgovernadas. Um barulho, um barulho, uma rola, um entulho, uma sapa articulada e frouxa.

Não havia como negar sua incongruente falta de estilo métrico, tinha a disritmia como pressuposto endérmico. Ladrava feito gato gago ao dizer mi-au... sentia a angústia no meio da pupila dos olhos, era nesse redondo preto que sentia a infiniteza de Spinoza que dizia que a memória não é um dote do atributo da mente – talvez uma potência dos corpos que colaborava para o sal grudar pela pele que guarda em cada grão-poro uma semente de nostalgia; na pele abaixo dos seus pentelhos nunca raspados aqueles gritinhos rápidos e constantes, sua voz feita de minaretes alcançando os agudos.

Uma vez, em Taxim, entre duas mesquitas o homem foi comprar cuecas e esbarrou em um pátio onde a voz do muezzin ali ao lado estava gravada em fitas cassetes – aquele homem que já tirou piolhos do cotovelo estava com o senhor Kusku que lhe implorou: não escute esta música jamais enquanto você estiver fazendo amor. Ou não faça amor.

O medo do homem cresceu preto como cachimbo de cipó. Furava-se em devaneios persecutórios alimentando, dessa forma, sua sensibilidade para a escrita. A escrita seu refúgio e sua ponte. No mais cantarolava uma cantiga antiga sionista e obsoleta. Como pensador preparava a rede para o corpo repousar e assustava-se com a cotidianidade da neurose, meio esquizo meio paranóide; essas denominações todas da descentralização. Tirar o centro da cabeça, do distrito federal, das grandiosas neuroses... Deveria haver outro modo, outra insígnia, o noise tinha harmonia? É disso que estamos falando? Provavelmente não, o assunto é infidelidade. A belezura da criança brincando com a mãe gorda com a barriga cortada e um pai esguio mentindo felicidade atraíam em nada o bolinar das teclas. A promessinha fracassada do núcleo parental lhe doía a menina do olho.

Ela, a cadela de lábios grandes, grossos, absolvente todo mês, seios que entumecem de frio, racha e toda aquela buraqueira no meio da horta, às vezes colhida e raspada – soltava umas palavras deselegantes e queria o fora, queria muito fora, quem precisa de fazedores de verdade? Cadê eles, já foram feitos? Ela não queria adequar, e eles pediam do alto de um pedestal feito de pelanca da nuca rebaixada fluminense das massas correndo atrás da macaxeira mais barata, eles pediam com ordens do dia: adeque, deságue em nós, evacue sua frasezinha solta e adeque – não adianta patuá, não tente fugir dos fatos com palavras sem ordem, sua betamax sem lente de milímetros, *bête noir* e querendo ser toda *site specific*; pessoa ardente engula o que você chupou, a cabeça foi feita para copiar as reentrâncias e as protuberâncias dos corpos e da areia, com a boca sempre pronta para fechar. E ela, nada disso, sentia umas mãos feitas de cinco dedos intrusos sobre a pele que cobre seus órgãos vitais, sobre seus ombros lambuzados de um creme que

bronzeia de sol e protege do sol, e as mãos desciam e apertavam-lhe vísceras e ela apertava os botões O. N. G., O. N. G., O. N. G., O. N. G., O. N. G., O. N. G.,

As esperanças da humanidade nesta fase tardia do capitalismo tardio – sempre atrasado – estavam em alguma O. N. G. que vai chegar e nos livrar das mãos intrusas, despertar os mortos do monte das oliveiras, dar uma martelada em uma cúpula dourada fora do lugar e trazer a paz para nossas barrigas. E a O. N. G não vem, a O. N. G nem telefona. Um gole de whisky com coca-cola. Põe, põe, põe os dedos no teclado e solta.

Mas as ternuras além de escarros são também pontudas flechas que caçam as vontades de subida. E sobe crente e dócil a duna de areia e depois se atira nos pequenos amontoados de chuva. Escolhe-se a água conforme a boa vontade e o preço. O pianista insiste na melódica de Beethoven enquanto rouba os sons de tudo que lhe soa bem. Ladrão de sons e sonhos.

Quando deixamos discorrer sobre infidelidades aparecem jorrados nos ladrilhos os ladrões, pelo menos um ladrão de sonho, bate do bolso de trás do amante querendo estar alegre com o boi umas quarenta palavras e seus adereços, ele geme outra vez seus sonhos descritos definitivamente em um boletim de ocorrência no meio da noite no Maranhão – era o acordeão da Dona Cândida, bebendo whisky com coca-cola.

Eu apenas beijei a boca de um fato ardido, coloquei a língua toda cheia de falta de sonho dentro de sua boca e grudei nos seus lábios como quando caçamos homem, mulher e javali e beijamos para fazer da vida, comida. Sou apenas um pedaço de lua devorado por um leão com minha boca inteira colada naquele fato maciço, macio de lábios, mastodonte nos meus dentes e eu lambendo toda aquela gengiva aberta com uma felicidade mentida, que fatos feitos



de argila seca não podem suportar, eles racham; mas o fato desmilinguia quando eu subitamente largava sua boca e estalava os meus grande lábios caídos. A pele da Dona Cândida é cheia de poros e tem uma mordida na nádega direita que ela deitou com o fato, mas não dormiu com o diabo. Sabe por que é que a guria que tem medo de ter medo do mar vê o filme do Filisberto doze vezes?

Lá no squat, nos tempos em que ela se sentia uma Xuxa entre os desabrigados, gritava o que mais podemos fazer e cortava com culhões os grilhões com os dentes caninos, ela derramou meio litro de sexo com xarope de hortelã, acidentalmente nas pernas grossas da mulher do empresário que gozou antes dela – muitas pessoas foram desalojadas ao som de uma ópera que se ouve apenas com o clitóris. Mas a foca grande que já botou medo na Patrícia Finagaev saiu assobiando uma escuridão. Em qualquer parede de tijolo ela repousa a cabeça, ela quer se entregar quando amanhecer e virar um feto. Seria como uma garota jogando descentralizadamente confetes e infidelidades. Não, você não vai chegar ao fim disto, o fim de uma mistura de palavras desdonadas é feita de eu não devo nada a você, uma mordida na jugular que nunca desejou bocas perto – elas ofegam, elas babam, elas chupam – descentralize a corja toda e comece com teus primos, teus tios, teus pintos, teus filhos, teus pavorzinhos secretos, teus ossos, teus velhos slogans cheios de exageros, teus seios que chegam antes do resto de você, teus desejos prontos para serem alcançados com mãos feitas de aço inoxidável; eles escapam pelo meio dos teus dedos, os dedos que eles usaram para entrar naquele quarto no meio da noite, e as mãos coçando o queixo caçoando de queixas se arrastaram para perto das pernas grossas da esposa de outro homem. Arremessou a boca contra ela como quem beijasse um fazedor de verdades. Perdão. Nada de centro, a esposa é só uma esposa – todo mundo é esposa, todo mundo é esposa cheia de curiosidade incontrolável por

Fabiane Borges & Hilan Bensusan

todos os homens que não são marido e nenhum homem é só marido. Um pequeno pássaro ocupa teus tímpanos depois da chuva cair, canivetes. Longa espera por um centro. Um caminhão de cerejas, já que as batatas queimaram e nem a gravidade permanece.

*“... nunca quis ter  
um corpo  
intermediário”*



## **diferenças sexuais agudas**

Eu gostava de encontrá-la no ônibus. Ela seguramente me achava gentil, viajávamos por mais de uma hora e meia e eu lhe oferecia o assento mais longe do corredor e, muitas vezes, lhe emprestava meu travesseiro. Depois me sentava ao seu lado, o mais próximo que pudesse. Era quase sempre o mesmo ritual, de manhã, indo para o centro da cidade, e de noite, voltando, muito mais cansados, mas ainda com a pele sensível aos pequenos esbarrões de que são feitos os prazeres.

Era uma estrada longa e repetitiva e quase tudo o que ela falava era o que ela reclamava: de manhã, a trepidação do ônibus não lhe deixava dormir mais, e ela ficava sempre com a coluna doendo; de noite, o ônibus demorava demais em cada parada. Ela se interessava em fazer suas queixas, que a aliviavam, em me disparar pequenos sorrisos, que eu considerava completamente ambivalentes, e em usufruir do conforto da minha companhia segura. E do meu travesseiro.

Eu me interessava em lhe emprestar o travesseiro que ficava muito mais confortável depois que ela recostava a cabeça e o pescoço nele; e ela ficava muito tempo quase dormindo. Eu ficava ao seu lado, nos meandros do quase sono e do desejo constante imperando com mais vigor quando ela virava-se para a janela, encurvando a coluna na

cadeira e invadindo a dobrinha que marca a fronteira entre nossos assentos, com suas costas, suas nádegas e suas coxas – quase sempre bem agasalhadas. Era nesses momentos que roçávamos. Muitas vezes eu congelava meu braço, minha perna ou meu quadril no momento em que nos triscávamos e eu ficava por muitos minutos recebendo doses do calor que vinha do corpo dela, um calor que parecia quase suficiente, liminar, o fim mesmo de qualquer empreitada. Eram minutos de uma ereção permanente e eu levemente passava a mão pela parte da minha calça que vestia o volume, com um misto de estupor e incômodo.

Algumas vezes aconteceu que eu olhava em volta e via que todos dormiam à nossa volta, o cobrador talvez fosse o único a cultivar – ou fingir que cultivava – a habilidade de ter um sono quase sem peso, como se fosse possível despertá-lo com uma intenção. E nesses momentos parecia que tudo estava suspenso, se nós nos abraçássemos ali, trocássemos alguns beijos e eu pudesse passar a mão por todo o seu corpo, aquilo ficaria como que suspenso no ar, como um episódio sem começo nem fim – como diziam que eram os beijos trocados nas baladas escuras: sem consequência. Mas o ônibus não era uma balada escura – e nem eu frequentava baladas. Pensava apenas em fazer um movimento de mão e trazê-la para mais junto de mim. Ela sempre era mais rápida, trocava de posição e se afastava de mim; eu desistia sempre provisoriamente. Em alguns minutos acordava, e olhava nos meus olhos para reclamar quanto durava aquela viagem. O ônibus quase todo o tempo em linha reta, nós quase o tempo todo em círculos.

Não falávamos nada de pessoal, eu sabia que ela trabalhava, não sei onde. Nunca me perguntava nada – só quando nos conhecemos ela me perguntou sobre de onde vinha, qual era o meu nome e se eu gostava de filmes sobre casais se separando. Ela me disse que era seu gênero favorito

– o único tipo de filme que ela conseguia assistir até o final. Falávamos muito mal das crianças, sobretudo das que estavam no ônibus, das que choravam quase todo o tempo fazendo a viagem dela ainda mais insuportável.

Eu gostava do corpo dela no ônibus, nem precisava conversar com ela. Mas sempre tínhamos alguma coisa para dizer – ela sempre tinha uma queixa e uma esperança vaga de não precisar mais pegar aquele ônibus. Ela às vezes falava do meu cabelo ou das minhas unhas – ela estranhava minha aparência às vezes, porém era um estranhamento inteiramente passageiro. Outras pessoas, até no ônibus, observavam por mais tempo minha aparência desajeitada, desconjuntada que consideravam descabida – e essas observações eram muito menos que passageiras. Eu é que me assustava por mais tempo com todas essas observações, inclusive as dela: eu nunca me olhava no espelho – já não aguentava mais ver aquilo que eu parecia, aquele homem nunca foi eu.

Minha aparência me atormentava o dia todo; eu buscava coisas que me entretinham até o esquecimento e ela era uma dessas coisas. E eu a encontrava sempre – as viagens de ônibus eram mergulhos longos na distração de como era meu corpo, já que dentro do ônibus eu a encontrava. Eu queria me dissolver naqueles momentos bem-fundamentados, nos quais algumas partes dos nossos corpos se apertavam – queria que meu corpo fosse apenas aquilo que raspa nela; nada mais, nem mesmo o resto dos órgãos exibindo felicidades, nem mesmo meus hormônios que se ocupavam em fazer daquilo algum soar de trombetas, algum prelúdio, alguma preliminar. Apenas queria mais daquilo, queria ter mais daquele corpo que fica esbarrado nela, e não queria nem minhas vísceras postas em qualquer outro lugar. Que outro corpo eu poderia querer?

Nunca quis ter um corpo intermediário. É que sempre me assustava ter um corpo ainda mais abjeto. Quando tive a oportunidade de mudar, achei que tinha que mudar muito de uma vez – foram alguns meses, uma pausa na minha vida fora de casa. No máximo aparecia na janela para conversar por alguns minutos com os vizinhos íntimos que passavam para saber se eu precisava de alguma coisa ou para me informar do que se passava do lado de fora quando não tinham tempo de entrar para uma visita. As poucas visitas eram longas, eu contava o que estava acontecendo a cada dia, mostrava os remédios, os produtos de beleza, contava como me sentia e ensaiava estar em ombros e braços mais confortáveis. Eu realmente pensava que estava de mudança – como se meus órgãos estivessem todos empilhados dentro de um caminhão e eu tivesse chegado antes para preparar o novo endereço, esfregar o chão, pintar as paredes, ajeitar a sacada. E era como se eu tivesse indo para onde eu sempre quis morar – em um longo processo em que me excitava ver minhas coisas entulhadas, como se assim elas germinassem o embrião do seu lugar natural.

Também sentia que era um processo de correção: fazer minha pele parecer minhas expectativas, meus cheiros terem a forma da minha inquietação – e tinha certeza que estava indo para minha sede definitiva. Eu lia a Bíblia: os relatos daquele povo em diáspora, buscando uma forma de encontrar uma terra sua, prometida, onde nada fosse estrangeiro – eram quase apenas esperanças que me ocupavam todos os dias. E cozinhava. Muito daquele tempo eu passei na cozinha, a ideia de preparar alimentos tinha um apelo ríspido: virar alguma coisa que pudesse ser servida, como se até aquele momento eu tivesse sido apenas um monte de ingredientes despreparados, amontoados que não encontravam suas próprias forças. Minha mãe e meu irmão faziam as compras e eu seguia receitas detalhadas da cozinha internacional, mesmo quando substituíamos a ervilha por



umas vagens, os grãos de bico por feijões ou as acelgas por repolhos brancos. Mais do que os ingredientes, me interessava o que fazer com eles. Muitas vezes eu olhava da janela para a parada do ônibus, mesmo sem ter o ângulo para saber quem entrava e descia e quem ficava esperando. Da fresta do banheiro podia ver algumas costas acumuladas quando a parada se enchia, e nenhum detalhe.

Por uns dias um vizinho emprestou um binóculo – já que eu não saía de casa. Uma dessas manhãs vi seu casaco verde – ela estava esperando o ônibus atrasado, sua pele pareceu aconchegante, um refúgio, na temperatura acertada. Eu quis correr ao seu encontro, mas não fui, teria que pegar o ônibus e ainda não estava na hora, mesmo um mês depois da operação. Eu tinha que sentir que já havia me mudado, que já era suficientemente garota, por mais que tanta gente me dissesse que uma auréola de inadequação nunca iria completamente embora. Eu só ia sair de casa quando eu não fosse mais aquele homem que eu não gostava de carregar comigo. Era uma chantagem comigo, mas eu confiava que a maior parte das dobras do meu corpo trabalhava sob pressão. Naquela manhã eu apenas voltei para a cama, esfreguei a planta do pé no cobertor; pelo que meus olhos viram, eu conseguia ainda sentir a temperatura protegida da minha pele debruçada na dela. Dizem que todas as partes do corpo ficam em miniatura na planta do pé – pulmões, braços, vesículas, costelas. Eu sentia minhas plantas do pé diferentes a cada dia, o cobertor parecia mais abaulado às minhas bordas, menos fibroso ao calcanhar. Em algum ponto dos pés eu sentia as carnes que podiam estar agora no ônibus, encostadas nela, em êxtase, emaranhadas com outros órgãos, menos ruminantes, menos ardidões, mais incisivos. Todos os outros centímetros eram algum poder fazendo barulho. Eu escutava, e esperava.

A primeira vez que eu saí de casa foi para pegar o ônibus para o centro outra vez. Eu vesti um sapato novo e fechado que meu irmão havia me dado de presente no natal, uma saia longa da minha mãe que eu sempre quis usar e uma camiseta larga, ainda queria meu corpo menos exposto. Eu sentei do lado dela, meu nervosismo mais aparente do que meu corpo inesperado. Ela demorou a me reconhecer – talvez quase meio minuto, trinta segundos me pinicando – mas não me perguntou o que aconteceu comigo, apenas sorriu e disse que eu havia sumido. Eu falei que eu precisei sumir. Ela reclamou do ônibus – cada dia mais cheio – e disse que eu tinha sorte de poder ter ficado tanto tempo sem fazer aquelas viagens agonizantes. Ela chamou as viagens de agonizantes, suspirou e olhou para os lados, mas depois sorriu mais – como se tivesse sentido a minha falta. Ela não se alterou com nada do que eu lhe contei; algumas angústias, a operação, meus meses entre a bíblia e a cozinha. Foram menos de vinte minutos de conversa e ela tentou esticar as pernas e fechou os olhos. Eu entreguei meu travesseiro. Ela sorriu outra vez, um sorriso menos habitual. Minha primeira vez fora de casa em muitos meses. Ela esticou a perna direita um pouco mais para o meu lado, eu não movi a minha. Pus uma mão em cima da minha perna, com o canto da palma roçando o território dela. Procurei um sinal na sua cara, ela parecia sorrir e virar o rosto para a janela. No ônibus quase todo mundo dormia. Mais quieto ainda, por muito tempo o ônibus parado no sinal. A parte que tocava ela era tudo o que eu sentia do meu corpo, o resto parecia ter se dissolvido. Levantei o joelho e encostei a parte do sapato que carrega o calcanhar no seu tornozelo – aquilo sim era um ato deliberado. Ela apertou a perna contra a minha. Saímos do sinal vermelho.

*“... quero ser  
dadeira  
e fodão e poder  
ser bicha”*



**em cima do morro dos prazeres eu me monto  
herculina barbitúrico**

Eu expliquei para o doutor Grinder com a voz que eu uso para explicar como fazer para o mingau de maisena não embolotar:

– Meu distúrbio de identidade de gênero? É que eu não consigo ser nem só homem e nem só mulher, qualquer um parece pouco. Não parece razão suficiente para uma diagnóstico de distúrbio?

Para alguém que quis ser uma super-heroína, ser a *femme fatale* ou ser o garanhão que come todas as *femmes fatales* não poderia ser uma opção – eu queria os dois; e parecia que para alguém que como eu sempre quis ser poderosa, era evidente que qualquer das duas opções era pouco, pouco demais. Assim como eu levantava alteres todos os dias e passava duas horas tentando fazer meu tornozelo se acostumar com as sapatilhas de ponta e outras duas tentando fazer meu cotovelo se acostumar com as luvas de boxe, eu queria minha genitália com tudo o que eu decidira na tora que eu tenho direito – e o doutor Grinder era quem botava barreiras entre meu desejo de ter o corpo que eu precisava para viver a minha vida e a cirurgia:

– Bi, ele falou, você já experimentou ser uma pessoa bissexual?

– Uma mulher bissexual? Uma mulher bissexual é uma mulher, não é?

Doutor Grinder parecia que achava que corpos não importam ou, de repente, parecia querer que nossas cabeças se habituassem ao que já fizeram com os nossos corpos. Eu nasci com os trejeitos de heroína incontida, anatomia é destino e no meu destino quem manda bem sou eu mesma aqui e não tem pra ninguém. Eu e o bisturi do doutor Grinder; eu disse: não é sobre o que eu faço, é sobre o que eu sou e eu não tenho medo do perigo e nem da angústia de ultra-ser um corpo envaginado, de sobre-ser um corpo com tromba, quero me enfiar pelos buracos das mulheres e quero ter muito buraco para dar. Quero ser dadeira e fodão e poder ser bicha, poder ser sapeca e passar noites lambendo e esfregando tratando meu pinto ereto como se fosse um clitóris que não arromba nem teia de aranha. Quero uma genitália com direito a tudo e esta volúpia merece encontrar a faca, muito agora. Por que eu não posso ficar molhada de tesudo, ereto de vontade de dar?

– Você não acha que está querendo demais?

Agora ele ficava fominha, meu desejo é muito pra faca dele? Meu desejo ele não dá conta, o bisturi dele broxa com tanta tesão de dar e dar uma enfiada.

Tive que desistir do Grinder, ele não era caminhãozinho pra meu monte de areia cheio de farelo de machorra. Não ia ter distúrbio nem disforia, o que eu queria passava ao largo do DSM; toda a instituição médica não me dava trela. Meu corpo é meu, eles dizem, mas eu não posso ter isto e aquilo. Cada cabeça uma genitália, a instituição médica parece às vezes um caminhão pipa de genitália; ou então, os caminhões de distribuição de cestas básicas zelando para que ninguém fique com duas, se alguém pegar muito pode faltar. Pode faltar? Eu conheço gente que acha que ter uma pica ou uma cona já dá trabalho demais – que tal redistribuir? Mas nada, eu não podia me montar trans-

hermafrodita com a ajuda de gente como Grinder. Eu queria ser mais, por que me queriam miudinha? Falhando a instituição médica, sobra mágica?

Sobrava o Jodorowski – aquele mago que vem a gerações andando pelo Atacama com uns trechos seletos da bíblia no dorso e uma matula com tâmaras secas e um bisturi de condão. Eu teria que ir ao topo do morro sagrado como quem embrulha almas frágeis e vestir umas sedas coloridas, respirar o sal que ele pisava e tentar a magia pubiana. Empédocles foi pássaro e planta, foi moço e moça – posso rodar os dois programas em paralelo. Fui pros salares, havia de achar o polonês das tripas secas – havia de encontrar um tarô de Clementina e Jamelão. Perguntei nas aldeias, bebi chá, me apresentei como alguém que queria muito mais, incomum a todos; eu contava o que precisava e sempre parecia que faltaria sempre tudo para ser dito. Encontrando um ser humano, no meio das llamas do deserto reclinado, eles viam imediatamente se chegava a ser homem, se chegava a ser mulher – é a primeira coisa que percebem, e percebem habitualmente com segurança a distinção. Como? É implícito e o que importa é estar firmemente convencido de algumas correlações entre o movimento dos lábios e a forma das nádegas que a cultura assegura discriminação infalível. E viam sem o que parecia ser enganos o que era mais e o que era menos; eu achava todos os casos de menos. E eu era que ofegava por alguma magia canalizada, alguma mesa cirúrgica de éter mãe da matéria. Na subida do morro os 77 calangos verdes subiram nas minhas pernas e me assolaram de pavor túrgido, a terra parecia estreita demais. Estrita.

– Nem sei mais se o que tenho entre minhas pernas é o que faz entrar ou o que se faz entrar; já sou cheia de recantos.

Nem precisou de cirurgia, de atestado de disforia, de boletim da psiquiatria – apenas um encontro no meio do caminho, as lambidas dos calangos telúricos é que prepararam o barbitúrico. Ele, de barba fina, se apresentou

só com um olhar escancarado. Vinha descendo o topo da montanha com Beatriz Preciado, Omar Sharif e Gabriela Mistral. Todos eles ficaram a minha volta, e o mago:

– Quantas genitálias, seis bilhões?

– E posso ter mais que duas?

Era mágica, um abacate com muitas sementes em totalidade desacetada e harmonia farta; não havia regulamentação específica. E eu podia respeitar todas as possibilidades? Tem que ter uma função este mago – vesti uma ombreira, um espartilho. Desci o morro com meu corpo em torção, gato e lebre, súbita, legisladora.



*“... gosto dessas  
montanhas de  
desorientação.  
Gosto do que  
sobra.”*



## amor no lixão

Risco e desperdício, com isso dá para fazer muitos universos. Muitos em que eu queria viver, me enjoou de onde não há desperdícios – sei que o lixo é coisa do ocidente desajeitado, mas gosto dessas montanhas de desorientação. Gosto do que sobra. Em outros tempos já fui catadora. Saía pela cidade no rastro do caminhão do lixo, querendo chegar antes dele em cada rua. Terminava quase sempre no lixão, onde de manhã havia potes, latas, caixas, garrafas e frascos de coisas desaproveitadas. Era um achado a cada dia e cada coisa podia ser um tesouro se eu soubesse o que fazer com ela. Tinha consciência que era trama e não paisagem, era passagem e não estado, era em nome da experimentação que me atrevia a passar tanto tempo na terra do lixo, com gente ossuda, curtida de sol, que carcomia dejetos como rapinas, como vermes da morte, da noite, podadores de excessos, re-significadores de objetos de-significados. Os companheiros que arranjei não gostavam de associações, menos ainda de cooperativas, se negavam a devolver lixo pronto pra companhias que valoravam seu serviço de forma mais precária que o próprio lixo. Sentiam-se expropriados pelo modismo da reciclagem, a máquina pegara eles também, era o último lugar que esperavam ser perseguidos, não se negavam ao cheiro, ao apodrecimento, gostavam de

independência desconectada. Sujeira era a tentativa dos ricos em desestruturar-lhes a sobrevivência há tanto tempo despendida. Não eram todos assim, eram só os que eu gostava mais, autonomia de lixo, fazer da lavagem de porcos lavagem. Estamira era uma dessas, mas tinha outras centenas em outros lixões, espalhados, desavergonhadamente nas beiradas de riquezas indóceis.

O moreno Davi era sempre animado – baixinho e cheio da ginga nos quadris, ginga de quem havia jogado capoeira pelo menos por descuido – ele dizia que cada coisa inútil que achamos preparava nossa cabeça para encontrarmos utilidade para ela. O lixo pra ele era enorme quebra-cabeças. E ele encontrava coisas, e utilidades. Quando estávamos sozinhos, ou só com o Calha Grande, ele sempre encontrava um gato de almofada ou uma boa metade de colchão e me olhava como se a ocasião fizesse a foda. Fazia.

Eu me deitava primeiro e ele subia por cima de mim sempre me lambendo muito antes de me fazer gozar no meio daqueles cheiros, às vezes afrodisíacos mas exagerados, às vezes podres mas picantes – dependia do vento, ao acaso as preliminares. Já estive trepando em camas de hotéis perfumados, no quarto da dona do café mais galante da cidade e nem digo que foi sempre melhor no meio dos vales de abundância com Davi, mas nunca deixei de achar que lixo é relíquia dos exageros – e sou, gosto de ser, exagerada. Já o Calha Grande às vezes nos acompanhava quando não estava entretido com reciclagens imprescindíveis. Agora quando me lembro de nós três deitados naqueles remendos em meio às montanhas de objetos desprezados, parece que nossos corpos eram também desperdícios que nós tentávamos aproveitar. Nosso lema era aproveitar, nada tinha utilidade fixa já que a inutilidade era a sina, a colcha e a refeição. Eles eram meus protetores, porque branca, mulher e remediada numa terra de pouca lei, era vulnerável, e eles sabiam disso,

mas tinham comigo uma espécie de cuidado delicado, cheio de ternura e tesão, em troca eu lhes segredava trocados, lhes gritava poesias improvisadas e emprestava-lhes o ouvido para as histórias mais estapafúrdias, histórias de lixo. Daí que o lixão tinha sua própria mitologia, seus espíritos, potestades, incorporações. Não raro apresentavam-se espectros noturnos que indicavam caminhos e sumiam, como fumaça. Nós três deitados, nus ao relento, encima de montanhas abjetas, ouvindo barulhos terríveis, mistura de vento e latas, vento e águas, explosõezinhas internas e externas ao nosso assentamento, esconderijos feitos de tralhas e gosmas.

Eu estava feliz, mas sofria. Sabia que estava num mundo em extinção, que meus guerreiros do lixo não teriam lugar fora dali, a não ser um lugar de humilhação e hierarquia. Limpariam a cidade, ou empilhariam tijolos, sem a aura paralela de liberdade e reinado. Era essa confusão que me excitava, e não raro me dava conta que colhia piolhos dos seus cabelinhos enrugados, como quem cata vaga-lumes. Eles brilhavam. Eu reconhecia sorrisos atravessados na madrugada, e minha angústia se tornava companhia. Não que a felicidade tenha tamanho, mas me preenchia, e só me dava conta do quão longe ia, quando voltava vadia para a casa da família, e todos tapavam o nariz, viravam a cara, tinham ânsia de vômito e olhavam-me desconfiados, não sabendo se se tratava de drogadição ou enlouquecimento. Evidentemente me adaptava depressa aos costumes da cidade, da classe social e das verdades. O lixão eu mantinha em segredo, como um lado obscuro da minha sexualidade efusiva.

Gosto dos segredos, como dos riscos e dos desperdícios. E no relevo do lixão que eu mais frequentava, muita coisa era segredo a céu aberto. Jogar fora é querer que alguma coisa desapareça da nossa frente; nossas montanhas e vales eram montanhas e vales de desaparecidos, do que

não tinha cabimento, do que alguém não tinha conseguido aproveitar. O depósito de lixo é o lugar do que deveria desaparecer, mas que não desapareceu – o próprio lugar é recalcitrante e tudo o que fazíamos ali dava a impressão de que já estava sumido e sem rastros. O lixo é um lugar de segredos, nós, catadoras, somos pastoras de segredos – segredos sem dono. Uma vez encontrei um vibrador em forma de cavalo em uma montanha de lixo cheia de maçãs passadas e guardanapos encardidos. Descobri imediatamente que a dona quis se livrar daquele objeto em excesso ainda que ele funcionasse perfeitamente – duas pilhas carregadas dentro. Mostrei o cavalo de pele artificial para Calha Grande e Carolina, que estavam comigo na montanha. Carolina pegou o animal pela crina – uma crina impressionante, quase como a de um potro mirim – e logo levou a pica do animal, desproporcional a um objeto de decoração, para dentro de sua saia amarela. Aquela pica ficou muitas horas entre o rabo de Carolina, a boca de Calha Grande, meus seios e nossas mãos. Nestas horas nós éramos hienas de lixo, imundos, nunca pensávamos em água, sabão ou spray de Rexona. E naquele dia era como se estivéssemos todos sendo fodidos pelo lixo em decomposição, na forma do ganhão de gambiarra que nos seduzira com seu estranho relinchar. Se me lembro bem foi assim: eu jorrei jatos de gozo na boca do Calha Grande que me chupava enquanto eu enfiava a boca no vibrador do cavalo, Carolina metia a pica do lixo pela boceta por um tempo que me pareceu tempo demais, e ela gozou um pouco depois que Calha Grande se estirou nu sobre uma montanha de pneus sem forma.

Essas pequenas orgias eram meus segredinhos, os guardava com profundidade, num lugar bem fundo, que alimentava minha fantasia e me protegia do resto do mundo. Com esses mistérios, minhas relações sociais se tornavam amenas, fáceis, eu não tinha nenhum medo de dissimular. Parecia que eu ganhava sentido, densidade e principalmente

respeito. Mesmo assim fui mandada pelos meus pais para a casa do meu tio Peter em Deauville, na Normandia, onde minha mãe pensava que não haveria montanhas de lixo para me desencaminhar. Não seria tão fácil me separar dos entulhos, eu resisti, mas fui, por também achar que Davi estava com uma doença estranha e que poderia me infectar. O chorume da verdade é que sofri muito com a distância, com o frio, com o frio nos corpos das pessoas e com algumas moléstias vaginais. Nada sério. Me adaptei facilmente ao ritmo da família, que gostava de contar histórias, e adorava beber vinhos bons. Às vezes embriagada, contava um pouco da vida dos dejetos, escondendo partes obscenas, mas deixando umas linhas à mostra, que lhes enchiam de curiosidade, pois deixava transparecer que a história era maior do que a contada.

Quando voltei pra São Paulo, quase cinco anos depois, fui ao lixão ver como estava, mas já não estava: nem lixo, nem esconderijo. Todo o entulho tirado, todas as pessoas despejadas, para onde? Depois de leve percurso atrás do paradeiro dos amigos, desisti. Já não queria saber. Estava cansada de tanta ressaca e culpa cultivada nas terras da Normandia: Por que não ajudei meus amores no lixão? Por que usei suas delicadezas pra fortalecer meu forte? Por que faço tão mal aos poemas? Teria que me limpar das sujeiras que me impregnaram na longa viagem ao norte.





*“... sexo para mim  
não é um  
cartão de visitas”*



## sexo e pânico

Era pânico! O tal do transtorno de ansiedade estava em plena fase de manifestação, como um demônio que ataca, des-subjetiva, transtorna, explode sem deixar espaço seja para o autocontrole ou para a distração. Tinha comido um bolo recheado de maconha que os homens da casa prepararam e a síndrome se instalou. Dois negros e um branquinho jogando xadrez na casa mais bonita daquela favela enquanto os vizinhos numa espécie de disputa com suas caixas de som maiores que suas casas estouravam no arrocha, algo do tipo arrasta a xana no asfalto, bombeia a racha dela.

As mulheres rebolavam até o chão e riam perversas do que eram capazes de fazer com suas bundas assaltadas para trás. O grupo de travestis na esquina da ruela atacando os carros mostrando seios siliconados alguns grandes demais e outros ainda só imaginados. Os homens da casa falavam aquelas conversas de machos, tranquilos, jogando xadrez. Do outro lado da sala ela assistia a tudo sem se dedicar a nada, pois se retorcia até o chão certa que estava tendo um ataque culminante do coração, um aneurisma, derrame ou até mesmo uma asma crônica. Um ruído na cabeça, preponderante, zumbia. Zumbido nervoso que anunciava a morte iminente. O zumbido era tão alto que competia com as

caixas de som gigantes vindas da janela. Dizia para si mesma, tentando acalmar-se: Calma, vai passar. Mas faltava fé, estava incrédula, se despedia entre uma ofegação e outra das coisas que gostava na vida, como comer bergamota direto do pé, de ser chupada por uma lésbica bem tarada e principalmente de narrativas africanas.

Estava tão descontrolada que mal conseguia subir a escada atrás dos companheiros, por isso que quando subiu foi num pulo só, caindo com direto no jogo de xadrez. Bastou três segundos para acabar com a harmonia instalada no terraço. Não queria atrapalhar aquela zona de homens instaladas na casa, muito menos sair quase desnuda como estava pelas ruas, cabeça molhada de chuveiro gelado que de nada adiantou. Rolava pelo chão ofegante, mistura de ataque histérico com som de sexo brega. Colocava a cabeça nas pernas dos homens, em seus peitos, pegava suas mãos e levava para o coração para que eles dissessem que estava tudo bem, mas não estava. Eles tinham uma pressa, a pressa de livrar-se do inconveniente daquela intervenção de baixo calão em uma *soirée* arrojada, na qual o objetivo era sentir que os homens se elevavam por cima dos animais e das fêmeas dos animais.

A pressa de um ritual que mistura cultura e testosterona. Ela tinha outra pressa, a pressa da dor pungente, da falta de ar ofegante, do risco do colapso. Queria que a arrancassem de um descontrole – no seu corpo as baixadas e os picos do pânico se misturavam com etiqueta e com a xana no asfalto, atoladinha. O combate entre as velocidades também tinha sua própria pressa; o jogo não poderia ficar empatado por muito tempo. Ela se arrastava entre os fragmentos dos corpos deles. Eles se olhavam com vontade de complacência e de cumplicidade; ela não era cúmplice e estava demasiadamente complicada.

Ela venceu a batalha com uma entropia giratória marchando ao longo dos seus braços.

– Vamos jogar sinuca?

Era um dos negros bonitos, o capoeirista, que convidava. E a ela sobrou segurar o braço do anfitrião branquelo:

– Você não vai jogar sinuca, você não vai sair daqui – eu não tenho mais ninguém aqui e você vai ficar comigo.

Os outros dois foram, ele ficou. De pé voltando da porta:

– Você estragou o meu sábado.

– Desculpa.

– Você é fraca demais, me dá nojo.

– Tá, mas agora segura meu coração, aperta – só um pouquinho.

– Fique sabendo que eu não vou tomar essa droga, essa vibe não é minha, é sua, e se isso é um jogo para trepar eu não vou trepar contigo, entendeu, eu não tenho tesão em você.

– Tá, só me aperta, segura nos meus ombros, só isso. Muda teu tom de voz também, você tá pensando que eu quero trepar, porra? Será, será que tudo isso é pra trepar? Ai, segura meu coração, tá foda, tem uns picos foda, me leva pro pronto socorro agora!!!

– Cara, meu sábado é sagrado! Eu só queria comer meu bolo de maconha e fumar um, sem stress, to cheio de problema, vai procurar um esquizoanalista, saco!

– Não tem esquizoanalista aqui, caraca, eu só tô precisando da tua ajuda nesse momento, para de falar e me abraça assim por trás, isso, mais forte. Você vai ser o esquizoanalista hoje.

– Que merda, só o que me faltava, a mina tá querendo sexo e vem com pretexto de saúde. Você deveria procurar alguém que pode te ajudar, vai trepar aí embaixo, tem um monte de negão pra comer você.

– Quem tá falando de sexo aqui é tu, eu estou tendo um ataque, preciso do teu cuidado. Vem uma mina pedir tua ajuda num momento de desespero e tu acha que ela quer dar pra você? Não passa mais nada na tua cabeça? Tu acha que tu é tão gostoso assim, tipo irresistível?

– Você só fala nisso o tempo todo, escreve sobre isso, e acha que eu vou associar você com o que? Você tá com a cabeça no meu pau. Não chupa que está sujo!

– Não, não, acho que é glicose que foi afetada pela porra do teu bolo de maconha! Me leva pro hospital, eu não consigo ir sozinha. Me leva pro hospital já que tu não consegue dar conta de mim, cara frouxo!

– Para de gritar porra! Você tá na favela mais perigosa de Salvador, tá louca, tô de saco cheio da tua respiração, parece que tá trepando, muda o ritmo, nunca fez yoga? Deveria! Ai meu saco! Ei alguém traz algo doce aqui em cima?

(Ninguém respondeu, todos tinham ido jogar sinuca)

– Vou comer chiclete.

– É cheio de petróleo.

– Então como o que?

– Um caralho preto!!

– Só se for! Me dá açúcar! Eu preciso de alguma coisa que me acalme, tá entendendo? Você não consegue fazer isso por mim, só isso?

– Ei gata, vai passar, calma, vou te abraçar vem mais perto aqui, mas não chupa meu pau!!

– Isso, isso, eu só preciso que você me aperte um pouco, nessas horas eu preciso ser apertada, eu preciso sentir uma força assim ao redor de mim. Forte! Tu pode ficar parado um pouco, isso, passa a mão aqui no meu pescoço, isso, que bom.

– Moça, você tem que procurar bons encontros, você só se mete em mau encontro, coisas que não te fazem bem,

você tem que ser mais seletiva com teus amores também, eu acho!

– Eu que sei dos meus encontros, tá sabendo? E quer saber mais? Minha seleção é assim, eu topo o que aparece na minha frente, ao invés de ficar esperando uma princesa poetiza e universitária que nem tu. Fica com a mão aí mesmo, não sai daí...

– Cala a boca, essa discussão vai acabar mal, você vai acabar com meu pau na tua boca e ele tá todo sujo.

– Tu tá com medo de mim? Tá com medo de que? Tu acha que eu sou um monstro sexual é?

– Metade do mundo tem sífilis e a outra metade tem Aids, você faz muito sexo, deve ter algum dos dois, com certeza!

– E se eu quiser te infectar, você vai fazer o que? Vai resistir? Eu preciso, gatinho, eu preciso te infectar para melhorar desse pânico... Esse pânico que tu sente do que não se enquadra no teu padrão de beleza e desejo. Só paninho bonito, menininha gracinha, corpinho ajeitado. Preto, velho e sem dente nem pensar, certo? Deve ser isso que tu chama de mau encontro. Claro que eu quero te infectar. Nesta semana fui numa piscina louca que tinha um velho de uns 70 que ficou me olhando tanto, era tão enrugado e feio que resolvi dar pra ele ali mesmo. Que tesão me deu! Fiz feliz um velho e gozei num caralhão enrugadíssimo com as bolas frouxas. Mau encontro pra quem? Pra você com certeza seria impensável ter um encontro desses com a vovozinha preta com dentadura postiça ali da esquina. Maldita padronização! Isso sim me dá pânico, inclusive deve ser isso que me deixa desse jeito. Aperta mais, não solta, não briga comigo, péra! Me aperta mais forte que o meu salto, contem meu desespero!

– Eu acho que essas experiências que tu te mete vão acabar te matando!

- Acho que o teu preconceito é o que me mata!
- Por que você se mete com essas coisas? Você é fraca, não dá conta!
- Cada um com sua droga! Você prefere incorporar o rasta, quer ficar só com a parte boa da revolução, a parte que tu acha que é boa!
- E a sua revolução é qual? Ficar trepando com meio mundo sem amor, sem afeto, por que tu te mete com isso cara?
- Porque eu preciso da experiência. O sexo é como um vício, nem sempre mau. Você vai indo. NÃO ME SOLTA!!!!!!
- Não grita, puta!
- Sabia que é disso que se tratava, de putice!!!! Você acha que puta é monstro! E é mesmo, sacou!!! É mesmo!!! Se você parar de me apertar, eu te mato.
- Moça, ao contrário do que você pensa, já trepei com homem, amo alguns até hoje. Não é a minha, mas vivi minhas experiências, bem diferente das tuas, mas vivi. Você é muito pretensiosa de achar que as tuas são as que valem!
- Trepou com homem, que legal. Devia ser lindo e hacker que nem tu.
- Nem todos eram lindos. Mas eu não trepo com quem eu não posso ter uma conversa...
- Tipo seleção ideológica?
- Não, meus encontros são encontros totais, de todas as partes do meu corpo.
- Você só encontra o que é igual a você assim – as fronteiras da tua vida sexual puritana são as fronteiras da tua classe, provavelmente da tua raça...
- Pode ser. Eu procuro tentar deixar sexo longe do poder – tu entende isso?
- Não, o poder nunca fica parado, meu irmão. Só o que para é a tua cabeça. APERTA MAIS!



– As pessoas se complicam todas e nem sempre vale a pena. Você deveria se meter mais com máquinas do que com gente, pessoas não valem tanto quanto você pensa!

– Eu sei, se tiver espaço para minhas dores nessa porra de conversa, posso te falar da ressaca.

– Não tem, cala a boca que tô curtindo minha própria vibe.

– Mas eu falo baixinho, você só escuta se quiser.

– Não fala!

– Falo!!! O sexo tem seus próprios fluxos, é como se você forçasse o desejo a desejar, e quando ele se força a si mesmo, já não importa tanto o padrão, lutar contra o padrão de consumo dos corpos é um dos estranhos percursos do desejo sexual. Você, por exemplo, seria um exemplar do meu desejo há 10 anos atrás, hoje em dia te vejo como um branquelo de rasta, quase cristão, um franciscano bonzinho que só trepa por amor. Pelo seu amor, porque o outro que se envolve contigo já não conta. Ele pode estar afim de qualquer coisa com você, mas você vai persistir na sua masturbação com a beleza. Igualzinho a qualquer padreco salesiano, que comia as índias por amor a Deus. Importava se a índia desejasse que o cabra virasse índio? Claro que não. Isso é político, meu amigo, é muito político.

– Então você resolveu trepar com todo mundo pra redimir as tupinambás! Você é uma revolucionária!

– A jogada é outra. Eu me forço algumas experiências que ampliam o panorama do meu desejo, e cada vez viro mais lésbica, inclusive para poder abraçar gratuitamente. Você sempre pensa em penetração porque no fundo tua mídia táctica é hétero e quer foder, se possível inseminar, e mais ainda poder partir, com o mínimo de culpa possível. Você e todos os cachorros do mundo pensam assim. Mas você nunca admitiria tal postura, porque não é bom os hackcristãos pensarem assim. Eu preciso aprender a amar os

humanos, todos eles, com um amor universal e nada territorialista. A violência do preconceito é a força que tenho pra seguir insistindo.

– Insistindo no quê?

– Na vida que poderíamos ter nesse mundo, ora, sem fronteiras e sem padrões. Acesso ao prazer e a terra!

– E você se torna cada vez mais cética e mais sozinha.

– Pode ser. A solidão é um risco. Sim! A ponto de não querer ter nenhum filho.

– Às vezes tenho pena de você. Sua “experiência política” vai levando você para uma vida seca.

– Eu quero ter um pinto, pra poder arrancar de vez em quando. Você tá com a mão no meu mamilo.

– Eu sei, e também de pau duro.

Agora ela fica em silêncio, parece calma, um pico de tranquilidade na forma de pulsão que corre no alto da serra depois de subir por horas, pedregulho atrás de pedregulho. Ele repete:

– Eu me masturbei hoje duas vezes, não lavei o pau, está sujo. Sexo para mim não é um cartão de visitas, é a confirmação das minhas experiências políticas...

– Você quer confirmação demais e tem modelos demais. Eu prefiro... Não para de me apertar, por favor! Põe o teu joelho no meio das minhas pernas

– Tira a calcinha.

– Estou sem desde o início.

– Posso meter em você?

– Não, prefiro teu joelho.

– Por que?

– Porque ele é mais livre do que teu pau.

Depois da moça gozar no joelho do *hacker*, adormece tranquila, sonhando com a próxima viagem que iria fazer na manhã seguinte.

*“... eu descobro a  
idade de qualquer  
mulher tocando nos  
seios dela”*



## praça matute, madri

Estava sozinha na praça. O homem perguntou se podia sentar na minha mesa. Eu só perguntei porque: velho, careca e sem um dente na frente. Porque você não usa sutiã. Eu posso pensar? Pode. Mais um gole de água com gás; por que não? Senta. Posso te oferecer um vinho? Tinto seco, eu disse. O que você faz? Sou psicóloga. Posso ser teu cliente enquanto você toma o vinho? Pode, eu preciso mesmo praticar um pouco. Eu sou um dos mais sujos de Madrid, ele disse. Casado. Três filhos. Dois netos. Vendedor de bebidas. Adoro sexo. A psicóloga está preparada? Ou vai ser uma psicóloga pequena? Outro gole de vinho, uma tragada no meu *Golden Virginia*, – vai fundo. Eu não tenho nenhum escrúpulo e não sinto culpa. Mas às vezes me sinto sujo, principalmente quando tenho sexo com travesti. Eu acho que sou exibicionista. Adoro ficar nu em casa quando estou sozinho. Quando eu me masturbo em frente à janela, tem uma velha do quinto andar que fica me olhando. Eu nunca olho nos olhos dela. Para não me complicar. Mas eu adoro saber que ela me olha. Quando eu transo com travesti eu me sinto muito sujo. Mas tenho certeza que é por causa do catolicismo implantado dentro do meu partido. Minha mulher é pudica. Não realiza nenhum dos meus desejos. Adoro teta e pau juntos. No meu partido eles falam que quem

dá o cu é mulher. O ativo é homem. Mais um gole, uma risada sem dente, uma piscada de olho enrugado; – eu nunca me sinto assim. Depois do décimo ano de casamento desisti que minha mulher descobrisse meus prazeres anais. Ela não tem culpa, é criação. Nunca vou poder contar para ela. Também faço outras coisas. Gosto de pegar menino jovem na rua. Bem jovem. Nem vou te dizer a idade pra você não ficar imaginando coisa. Eles são tão solícitos; às vezes fico em dúvida se gastei mais dinheiro em bar ou em sexo – se bem que pra mim um foi sempre consequência do outro.

Posso sentar mais perto, é que eu não quero que elas ouçam. Estou me sentindo num filme falando com você. Ou como em um sexo rápido em cinema pornô. Te encho da minha porra e vou embora, nem me lembro da tua cara. Se bem que esses olhos azuis são difíceis de esquecer. Eu trocaria meu encontro de hoje à tarde só para ficar passando a mão nos teus seios sem sutiã. E se eu tocar bastante eu descubro a tua idade. Eu descubro a idade de qualquer mulher tocando nos seios dela. Mistério divino que eu adoro. Os seios. A melhor invenção de Deus. Você é religiosa? Não. Que bom, não tem nenhum defensor dos bons na nossa conversa. Eu também não sou religioso, eu sou comunista – se bem que às vezes quer dizer a mesma coisa.

Me fala sobre o teu encontro de hoje à tarde, eu disse. É anúncio de jornal, vem a foto do cara e diz o que ele deseja e esse é mais jovem do que eu e tá procurando um homem mais velho que goste de dar o rabo. Eu telefonei para ele hoje de manhã dizendo que eu podia fugir do trabalho a tarde. Como ele foi no telefone? Interessante, prático. Marcou um encontro hoje na casa dele, eu estou meio nervoso por isso parei aqui pra beber e encontrei você. Você vai dar pra ele? Tem que dar liga. Se der, pode ser bom. Eu pensei que iria melhorar quando ficasse mais velho e me livraria dessa vontade toda. Mas ao contrário. Quanto mais velho mais

sujo. Você me achou sujo? Tua sujeira mais parece tempero. Então você vai deixar eu tocar nos teus seios? Claro que não, não vou correr o risco de você descobrir a minha idade. O que você está fazendo sozinha sentada aqui? Eu estou esperando a Rapunzel aparecer na torre. Naquela torre. É uma amiga? Não, um amigo gay. Então eu vou ter que sair antes que ele chegue pra não me apaixonar. Prazer em conhecer você. O vinho tá pago.





*“... e ela se  
masturbaria  
até gozar da  
morte dele”*



## **o anel brilhante de elfriede jelinek**

Era festa de Santo Reis da Serra da Canastra – Chapadãozinho – e os palhaços faziam sua dança enquanto os festeiros seguravam a bandeira dos três magos. As meninas novas, bem novas, todas avulsas, exibiam suas silhuetas em minissaias e vestidinhos de uma moda particular e pediam que se tocasse Dejavu, uma nova onda musical. Uma parecia rainha, falava, arfava, mexia com todo mundo e segurava dois três homens numa só prosa. É que a boca tem poder e já salvou muita gente. A outra, que não era boa de prosa, observava a amiga com um tanto de orgulho e um quê de inveja. É que via nela fuga, do contrário ia repetir o destino da prima Carla, que com 34 anos parecia tão velha e sofrida. Era o sol fustigante, companheiro, e a chuva que trazia beleza, mas também adoecimento, resfriado e tosse. Carla falava com a mão na boca porque já não tinha dente, tinha medo de dirigir carro e sofria ao lado de um marido alcoolizado, que não entendia nada de seu corpo apesar de ter-lhe feito cinco filhos.

É que ele não respeita, dizia Carla, tem outros homens que entendem quando a mulher não quer. Mas isso mais parecia coisa de revista, coisa de novela, dessas mulheres poderosas que via na televisão depois que chegou luz na Serra. Sentada sozinha olhava as meninas balançando

os cabelos e sorrindo sem parar. Tentou lembrar se algum momento riu assim. Achou indecente, esse riso solto é só pra trazer problema. Quando tinha oportunidade de pegar uma das meninas de canto, falava em baixo tom pra que tivesse cuidado, pra que não virasse chamarisco e fosse logo emprenhada sem marido. Elas todas queriam casar, mas se alertavam pra destinos como o da prima Carla. Não tem força com o homem, não sabe dirigir carro e ainda por cima nem tem conversa pra nada.

A prima de Carla, tinha aquele jeito de menina espoleta, pequena matriarca movida de inquietude, que não mede nem olhar nem anotação, anota tudo com a cabeça, e sabe tudo o que acontece. É fofoqueira, e sabe criar escândalo. Cada um se protege como pode, afinal de contas traçar futuro não é tarefa fácil para ninguém. Mas prima de Carla via na amiga rainha uma saída bem possível. E mesmo inconscientizada da sua própria metodologia, pensava mais ou menos assim: Eu empodero ela pra valer, falando bem dela pra todos, turistas, locais, festeiros, ela vai ter futuro fora daqui porque é graciosa, e eu vou no rastro porque sou inteligente e melhor amiga dela. Juntas vamos viajar que nem esses visitantes que aparecem aqui por São Roque, esfumaceiam as cachoeiras com suas 4x4 sem deixar nem rastro. Só vontade. Cada um volta pra um lugar mais bonito ainda, e eu fico aqui, tentando não casar antes dos 15 anos. A rainha delas era menos preocupada com o futuro e se divertia em seduzir aos poucos todo mundo que aparecia. Sabia dar aquele olhar que faz baixar os olhos dos homens, e os meninos, ela os cultivava porque precisava deles para protegerem ela, contra os olhos maus dos meninos que não são amigos nem família. Carla parecia que via tudo isso, mas desistia, desacreditava, pra ela todas iam acabar que nem ela. Na roça, levantando com o sol, dormindo com as galinhas, e abrindo as pernas toda noite para aquele homem fedido, que não gostava de banho e desconhecia carinho. Outro curtido

no sol, ignorante, sem estudo, sofrido de paulada de pai e mãe, desde pequeno, fugido pro garimpo, voltado por cansaço, herdara uma terrinha de nada, que já fazia as moças locais acharem que era importante. Teve um tempo em que o olho da Carla brilhou olhando os músculos dele, a terrinha dele, rapaz viajado. Mas já não acendia mais nada, e sentia-se mais velha que sua avó, que era pobre que nem um bicho sarnento, mas que conseguia rir quando Carla lhe lavava o sovaco e as partes debaixo, com paciência. Era mesmo mais velha que sua avó, porque na verdade Carla já nascera velha e muito sozinha. Não tinha nada pra falar com ninguém, era mulher sem assunto, corpo fechado, cara emburrada, e quase nada de esperança. Os turistas da região lhe despertava repulsa, porque fingiam uma felicidade que era impossível de acontecer, e só faziam isso para entristecer ela, para humilhar mais sua condição. Às vezes pensava em matar o marido, esse talvez era o momento mais sensual de Carla. Ela imaginava matá-lo com o facão que cortava queijos de 5, 6 kg. Cortaria bem devagar a jugular do bicho, que ia espernear muito até morrer, e ela se masturbaria até gozar da morte dele. Mas logo se ajoelhava e pedia perdão à virgem, ao pai, ao filho, se demorava no lavar da louça suja, pra ver se o marido dormia antes que ela fosse obrigada a ir pra cama e aguentar mais uma noite de dor nas juntas, no meio das pernas, na buceta rasgada no canto. Há anos que aquela ferida não cura, e não tem quem trate, ela mesma tem vergonha de contar onde é a dor, e fica dizendo que é dente, ou câncer. O marido não se importaria que ela fugisse, que fosse embora pra nunca mais, É que ele não tinha mais intenção na esposa, e se esforçava a trepar nela todo dia, para não perder sua honra de homem. Ouvia nos botecos que quando se para de trepar, o bicho vai ficando mole e era melhor ficar afiado, pra não perder a força. Mais uma crença contada entre bravatas de caçadores de onças e peões velhos.

A prima, as amigas da prima, as outras meninas eram animais sacrificados por um deus cotidiano, aprisionado e repetitivo. Elas entregam os seus melhores anos e suas melhores belezas em um altar de torpeza, cultivando cabelo e sorriso pra não perder o trote, o cavalo encilhado. Carla não gostava mais de altares. E passava pelos campos, na fazenda São Benedito onde nasceu, olhando os bois e as vacas e os touros. É isso, o touro, Carla desanimava, é isso? Um animal que come, devora pasto, montanhas de sorgo, tem a carne fedida e dura, só serve para manter as coisas do jeito que estão. E para manter as nossas coisas do jeito que estão. Carla cansou. Cansava só de pensar no beco sem saída entre quatro paredes que era sua vida com o marido. Com a mão na boca para tapar seu cansaço, desatou a abandonar os monossílabos que eram sua língua e a falar sem intervalo com a estrangeira que aparecera na festa: falou do seu desprezo ao touro, do seu desprezo ao marido, do seu desprezo à sina das meninas da geração da prima. Disse que ali todas as vidas já nasciam escritas, nenhuma minúcia poderia distorcer a linha traçada. A estrangeira era Elfriede, encabulada e observadora de mulheres – como Carla ela veio de uma fazenda na Áustria e, como Carla, gostava de olhar para baixo quando havia muita gente por perto. Daí que a estrangeira lhe deu um anel e Carla não aceitava de jeito nenhum, envergonhada que era de aceitar presentes, parecia que não merecia. Mas a estrangeira insistiu e Carla anuiu, e de repente se sentiu um pouco mais viva, não parava de olhar para a mão. E foi com essa mesma mão que ela cortou o cabelo, com tesoura de tosquiar ovelhas.

O marido não notou, mas Carla não se interessava mais pelas notações dele. Tanto fazia se ela saísse ou ficasse, a preparação que ela tinha feito na igreja, anos e anos sem fim, não servia de nada, e ela calava a emoção do anel no dedo. Passou a nutrir um sentimento bem sozinho de louvar sua própria mão. Todo dia quando acordava, pra fazer café

pro marido e pros filhos, que já pequenos iam pra roça, enquanto ela fazia queijo, limpeza da casa, comida pra todos. Não descansava muito. Carla aprendeu com o anel um brilhaquinho miúdo e às vezes lamentava o destino do anel que atravessava tanta água pra cair em mão tão pobre. Pobre do anelzinho, pensava. Colocou ele no santuário velho e esquecido de São Francisco, e toda vez que precisava de uma forcinha pro resto da lida, olhava se o anel ainda brilhava, e sim, ele brilhava, parecia que tinha nascido pra isso. Das coisas que tinha, era a que mais brilhava, provavelmente a mais cara e mais bonita. Às vezes imaginava se o poder da dona do anel ia passar pra ela, e se ela ia se transformar em uma coisa melhor do que era, uma coisa mais brilhante, como os olhos da gringa. Mas durou pouco o percurso, foi a primeira tempestade que derrubou o anel no lodo que o tomou dela. Sem o anel, Carla até ficou mais aliviada, fosse que o anel tinha encanto, já estava cheia de coisa na cabeça. Carla queria falar da coisa toda pra alguém, mas achou que só a vó lhe entenderia, mesmo que surda e quase morta. Foi nesse mesmo dia do segredo surdo que Carla passou a mão com mais delicadeza nos órgãos baixos da avó, e essa riu de novo, mais de espanto do que cócegas ou prazer. Carla olhava para aquela rachadura enorme e pensava no azar que tinha de ter nascido assim, aberta embaixo. Se fosse fechada o mundo dela ia ser bem longe dali, não ia servir de vaca de touro, parideira de touro, burra de carga, ia andar com os cabelos mais cortados ainda, bem curtos mesmo e ia dançar, que é coisa que fez raras vezes na vida, mas sabia que adorava.

Foi uma vez, na festinha da igreja, na festa de Santos Reis mesmo, que ela dançou um bailinho, quando ainda tinha a boca cheia de dente, e podia sorrir sem tanta vergonha. Depois esses dois sentimentos nunca mais se separaram, toda a graça vinha junto com a vergonha, e se acostumou muito rápido a isso. A tudo se acostuma. Mas não

queria que as primas novas pensassem assim, por isso às vezes era estúpida, e dizia quase aos gritos, tá com feijão no dente relaxada! Pra prima assustada que tinha acabado de comer, que não entendia essa indelicadeza, e por isso sumia o mais rápido que podia. Já lhe custava visitar a prima Carla, por causa dos olhares do seu marido. Carla uma vez falou pra ela: cuidado com o touro lá de casa, mas a menina ouvia isso como um elogio descabido ao marido caboclo, com cara de cupinzeiro. Achava que Carla não tinha nenhum senso de ridículo. Os touros que ela estava acostumada eram touros vistosos, bonitos, procriadores, garanhões, não aquele inseto gigante com a cara toda desolada, cheia de furos. Mas Carla sabia muito bem que o bicho era osso duro de roer, era forte e quando subia pra cima, não tinha quem tirasse. Ainda assim, o marido não ia fazer isso nunca, porque era amigo do pai da menina. Não, isso nunca tinha acontecido com Carla e não ia acontecer com nenhuma das parentes dela, de ser pega a força por parente, com seios ainda nem formados. Desse mal sabia que não sofreria, mas dizia mesmo assim pra prima ter cuidado com o touro, porque era o jeito dela tentar tocar no assunto de que pra ela, touro e diabo era quase a mesma coisa, mas nem era ele o mal pior. O mal pior é que sentia que o próprio marido merecia coisa melhor, e às vezes sentia ternura, por ele permitir que ela continuasse ali na casa dele. Coitado, merecia coisa melhor, pobre touro. Já a rainha, que falava sem parar, estava longe desses distúrbios e parecia viver pisando sobre as flores. A imagem que a prima de Carla tinha da rainha, é que os passarinhos vinham todos pousar nos braços dela, ela arrotava cheiro de flores, e cagava mel. Era bem tratada pelo pai, mãe, irmãos, primos, amigos e turistas, tinha prosa com todo mundo, mesmo de longe, só fazia os olhinhos brilharem e lá estava o mundo aberto para ela, toda sorriso, toda torpeza. Inocentada desde o nascimento, sem as dores de alma que a família de Carla carregava, sem a pobreza pesada, sem os costumes pesados.



A prima de Carla sentia-se, como muitos outros, enamorada de tanto encantamento. Às vezes, quando segredava coisas no ouvido da rainha, carregada de uma dor que nem sabia de onde vinha, a rainha ria, e logo achava algo de se entreter, uma flor roxa, um canto de curicaca distante, e fazia seu assovio doce, assovio de encantamento. Estava na hora da fuga, e não poderia ir sozinha, teria que convencer a rainha, essa burra, que não atentava pro destino que estava traçado pra elas. Borboleta inconsequente. Tanta coisa fora daqui e ela achando que arrasa! Foi tanto plano, tanto plano, que a rainha entendeu, e tramou a fuga da prima de Carla, sozinha. Foi só na hora da despedida que a rainha avisou a menina, e disse, está tudo combinado, você vai passar uns dias na casa de uns amigos lá em Belo Horizonte, e eles me prometeram que vão cuidar de você, boa sorte amiga! E, por favor, acabe seus estudos. Não poderia ser tão fácil assim, tudo arranjado, sumir com desconhecidos turistas da capital. Sem a rainha, morreria, mas foi mesmo assim. Demorou muito tempo pra dar-se conta que a rainha foi seu primeiro amor. E que depois dela, muitas outras rainhas apareceram. Ela não foi muito longe, nem tampouco a vida foi mais dura do que era na Fazenda onde seus pais trabalhavam de peão. Muito pelo contrário, estudou, trabalhou de secretária, terminou segundo grau, virou representante de vendas e voltou um dia, nem vitoriosa, nem miserável, voltou com uns amigos, numa camionete cheia de pneus, sorrindo, garrafa de cerveja nas mãos, presentes para pais, primas e amigos, queria ver a rainha, mas a rainha morreu. A prima Carla que contou o acontecido. Quando tu partiu, a rainha veio ter conversa com os tios, lhes contou onde tu tava, e despreocupou a cabeça deles, acharam que era melhor assim. Teu pai amaldiçoou um pouco, mas parecia mais inveja do que maledicência. Passou uns meses e a rainha começou a namorar o irmão da prima de Carla, que trabalhava no mercadinho de Barreiro e se orgulhava de ganhar de todos na

sinuca no bar do Vicente. Foram alguns meses mais e ela começou a ficar malina – logo definhou. Dizia que ia embora para Belo Horizonte e os pais até concordaram, mas ela não foi. Não tinha forças. Contou para Carla que havia decidido engravidar já sabendo que ia morrer – queria ter uma filha. Os pais também aceitaram e ela logo se casou com o irmão da prima de Carla. A menina, que se chamou Érica, sobreviveu. Nasceu na festa de Natal quando começa a folia do Chapadãozinho. Naquele ano, contou Carla à sua prima, apareceu de novo aquela gringa de olhos azuis, a Elfriede, sempre de cabeça baixa. Carla lhe agradeceu a anel mais uma vez e deixou Érica em seus braços por muito tempo. Elfriede pediu para levar a menina para a Áustria. Fez cerimônia, foi à casa do pai, dos avós e prometeu que a traria todos os anos para ver a família. Elfriede, depois que os pais aceitaram, pôs-se a entornar copo após copo da cachaça preta que era especialidade daquela área da serra da Canastra. Elfriede falou muito, disse que queria para Érica um destino muito diferente do de Carla, sua prima e da rainha. Queria um destino de lamparinas acesas, longe daquele mundo de vacas e touros. Depois de longo discurso ela desabou ali mesmo na mesa. Foi levada para um colchão improvisado pelo viúvo da rainha. Acordou com ele roncando ao seu lado. Era ressaca, e a ressaca vinha com pânico. Pensou primeiro assim, sobre o destino de Érica: não vou conseguir.

*“...Mas não era sonho,  
era só uma freira de  
excessos”*



## **grupelhos de volúpia (BIJARI/SP)**

Eu queria todos eles juntos. Mas cautelosa, tinha que agir com o rabo da ponta dos dedos e precisava de uns milagres em forma de calafrios – eram amigos do meu macho. E havia um caso de pacto entre homens de libido frouxa correndo solta: eram sócios na firma de publicidade, mas não no amor.

Eu precisava de um caldeirão de oxigênio e minha tarefa era pegá-los todos juntos, mas teria primeiro que seduzi-los um a um e depois convencê-los a ficarem todos juntos comigo. Eu queria uma desagregação, uma experiência imersiva, uma destruição parcial da fortaleza que representavam. Eu era a ensandecida que sempre gostou de causar desordens e fugir em seguida. Eu a cópula excusa, eu a fuga. Era isso que estava em meus planos. Queria sumir. Antes disso, foder com os dez garanhões, uns por cima dos outros, uns por debaixo dos outros, mas definitivamente todos dentro de mim. Nem dúvida nem erro.

Primeiro construí um projeto de vídeo, precisava de cada uma de suas especialidades. A filmagem, a edição, o som, a animação, o clip, a capa, o desenho, a mordida, a gravação, a esfregação. Todos tinham que ver o vídeo, suas especialidades delicadamente pensadas por cada veia do

meu corpo. Sabia também que não adiantaria eu posar de *femme fatale* ou de atriz pornô, pelo simples fato que trabalhavam com mulheres bonitas o tempo todo, modelos, cantoras, atrizes... O meu diferencial teria que ser algo que eles não tivessem tão acostumados e que os pegasse pela ternura e pela intimidação. Queria que eles sentissem como menininhos intimidados pelo tamanho da bunda da tia quando ela arranca a saia e mostra o biquíni branco que trazia para quando parassem na praia. Aqueles olhos de conquistador cossaco que tira os óculos redondos para poder ver o terreno que gostaria de conquistar no dia seguinte. Queria a fragilidade de uma pica ereta na praia, uma pica que se sentisse para sempre pequena diante das minhas ancas. Era minha única chance, mostrar que minha bunda, meu rego, a curva da entrada da minha barriga eram muito mais fálicas do que os dez pintinhos juntos, os dez que passavam o dia em um galinheiro de telas brilhantes, ciscando, enredados na trama que tinham que forjar de desejo e consumo pras marcas dos celulares, da coca-cola, da grife da moda e muito mais.

Eu era a antipop por excelência, a que estava deliciosamente excitada com aquele ativismo competente e publicitário, panfletário pra caralho e que fazia 36 cm de sentido. Senti que era má: maquiavélica, maligna, malcriada, maledicente, mal informada, masculina e maculada. Mas os queria mesmo assim, desde o mais baixinho até o mais grandão, todos com seu circuito particular, articulados, fazendo festas de bar, de boate, colocando imagens em dez projetores de uma só vez, bebendo champanhe enquanto mostravam polícia batendo povo pobre e sombras desconhecidas atirando granadas. Paradoxo me excitava, me deixava louca e perplexa com os movimentos do próprio desejo próprio.

No teu lugar para todas as coisas, o que você faz com a volúpia? Pensei lisérgica, pensei na arte picante do mar com salitre, invoquei aquelas bruxas queimadas – me ajudem, vassourinhas, me ajudem a dar pros dez, me ajudem que é isso que meus pentelhos negões querem. Elas me ouviram do centro das fogueiras torpes e fizeram meu umbigo ter cheiro de condão. Eu consegui a simultaneidade que eu queria, dez Maurícios, dez belos Geandres e cabelos Araújos misturados com Eduzais, dez bate-estacas fincadas na minha finca. Obrigada meu Santo Agostinho. Quer saber como foi tudo? Pão, champagne Tenutta Santa.

De saída falei: sou a curadora. Eles todos estavam escalados, mas as mulheres eu elegeria por puro poder de cura. Queria a franzina, a maluca que faz cinema, a bonitinha das artes plásticas, alguma medusa, algum ouriço. Sonho? Dos dez sobrou 16 e fomos para um motel levando mais duas putas que desfilaram na Glória no desfile da DASPU, o Mauricio Lazzaratto, o gordo do bar de Llançà, a Pascale que faz teatro e uma toda bonitinha que pinta, esculpe, escapa e tem nome de fada. Todos os dezesseis de pele branca, com mãos de pelica feitas para se dar, de ventre solto.

O filme tinha ativado: tinha pré-filmado seis picas de tamanhos diferentes e meu dildo negro, retinto, todas em pequenos movimentos de fluxo e contenção. Película e cutícula, as glândes hirtas em minha língua – é que eu era a rainha do encontro, haviam as outras mulheres, mas eu centrava, sentava, arrebitava, arfava, torcia a roupa ensaboada. Eu era discreta, um diadema na cabeça, ancas pequenas, troncuda, cheia de desabafos na hora do coito.

Eu tinha os dez e mais seis e só não veio o garçom junto porque era tímido demais para adentrar o clima da revolução instaurado nas beiradas de cada esquina da cama, da piscina de água quente e da cachoeira artificial, das beiras das conas e dos cus e das beiras dos paus eretos mais abertos do que

nunca. Tive vontade de dizer-lhes que tudo era um sonho, que nada importunaria a sinapse do próximo dia, mas calei minha volúpia visionária com a boca enfiada no pau do Cabelo. Mas não era sonho, era só uma friteira de excessos, os termômetros requentados; era só meu desejo agachado de achatar o que está redondo – perfurar. No meio daquela noite ereta, elétrica e etérea eu perdi a conta de quantos bijarildos balançaram em meus quadris. Ela sempre fora desexaminada, leoa de chácara, vira-lata, taquíllala e secreta debaixo de longas saias coloridas que arrastavam até o chão. Mordi os dentes a noite toda que eu era uma velha brasileira. Minhas unhas não têm forma de pelicano, bebo champanhe, balanço os pés.

No dia seguinte, como se tivéssemos ribossomos em forma de quatro mil famílias, ocupamos em volúpia incandescente uma fábrica de tecelagem abandonada na Avenida Prestes Maia.



*“... ela tocava meu  
corpo com precisão,  
sem ser homem  
nenhuma só vez”*



## desmedidas

Estilo? Não estava nos meus planos o romance com uma mulher. Sempre precisei de homens, precisava que me validassem, me achassem atraente, me protegessem, fizessem vistas grossas para detalhes pequenos e não desconfiassem do meu ciúme vingativo. Os homens pareciam ter uma lógica que eu não dominava, mas sabia manipular. Sabiam fabricar suas quedas do orgulho pomposo diretamente para minha sedução, sem conivência, mas anuentes, entregues. Caíam na minha dissimulação como mariposas na luz, se atiravam nos meus braços como se meus braços fossem saída, fuga. Convencia-lhes do quanto eu era insubstituível, inventava um mundo onde podiam ter acesso somente com minha senha, segredada nos ouvidos em momentos de intenso prazer. Considerava meu jogo menos óbvio com as mulheres. São mais ligadas nas intenções do que nos fatos, atribuem qualquer movimento a um movimento anterior, situam-se no interstício que há entre pensamento e mundo, adivinham quase tudo com facilidade e não gostam de ser enganadas. Com elas me sentia despida das carapaças que colocava para enfrentar os machos, elas colocavam lentes de aumento nos meus pensamentinhos mais sórdidos, como minha falta de segurança na cama quando um seio resvalava pra um lugar que não deveria, e,

descoberto, me fazia trocar rapidamente de posição, como se eu fosse ativa, faminta, e não tímida. Elas notam tudo. Vira assunto do jantar. Com os homens podia chorar, me fazer de vítima e conquistar meu desejo velado; com as mulheres tinha que ser mais feminista, menos atenta a toda zona publicitária que me rondava. Quando me olhava no espelho em frente a um homem, ele admirava meu jeito manhoso e sensual de sorrir; em frente a uma mulher não conseguia disfarçar meu conflito com as gordurinhas debaixo do queixo, fingia em vão que não tinham importância.

No círculo de mulheres feministas que entrei, essas façanhas eram extensamente discutidas entre discursos inflamados e olhares maliciosos cheios de cumplicidade. Sabiam bem o que significava dissimulação e a importância que isso tem para proteção e realização dos projetos femininos. Só não permitiam dissimulação em seus circuitos, salvo se fosse de muito bom gosto e convencesse. Sendo íntimas entre si e já tendo experimentado todo tipo de lascívia, comportavam-se como iniciadoras de um estranho ritual que pressupunha a formação do desejo lésbico, lendo todo tipo de poemas especializados, falando da sensualidade e dos modos de ser das mulheres. Faziam isso por divertimento e também por convicção, a fim de emancipar territórios privados. Nos primeiros encontros me tratavam como neófito, vendo em mim não apenas potencial de desenvolvimento, mas evidenciando habilidades latentes. Muitos dos meus assuntos as irritavam profundamente, pois eram resquícios héteros que insistiam nos gestos mais banais de comunicar ou tentar me integrar. Eu notava que meu jeito de pedir cumplicidade, ou de não me impor na mesa do bar, lhes dava coceiras, queriam-me mais livre, aberta e dona do meu próprio estilo, sem necessidade de convencer por fraqueza ou complacência, pretendiam acima de tudo que eu me apaixonasse perdidamente por uma mulher, diziam: quando duas mulheres se encontram, ah, daí o jogo é de pura revelação!

Fui me sentindo cada vez mais à vontade nos encontros, de modo que passei aos poucos a ganhar mais ouvidos e me sentir relevante. Prestar mais atenção nas mulheres, me sentir seduzida e atraída por elas, bocas, mãos. Foi assim que conheci a Flávia, que era uma membra esporádica que só apareceu depois de quase quatro meses da minha iniciação com três ou quatro mestras. A mesa do bar se esvaziou e meu assunto com Flávia prosseguiu tão compulsoriamente que nem notei a partida em massa e a conta paga. No outro dia fomos almoçar e no outro dia fomos almoçar de novo. Passei a querer ver a Flávia longe do círculo das mulheres, na minha casa, vendo filmes de madrugada. Um dia eu decidi que ia lhe contar um sonho – eu sempre pensei que os sonhos tinham uma força que nada mais do que acontecia poderia ter e, já que eles eram tão fortes, eu sempre que precisava inventava algum. Demorar bastante nas minúcias, deitar numa rede, deixar meu vestido azul se levantar para o alto das minhas coxas e contar que no sonho nós voávamos juntas. Nós tínhamos um amigo em comum. Ele nos convidou para ver filmes do Cassavetes. Nessa noite, eu estava com meu vestido azul que se levanta quase sozinho, ele dormiu antes de terminar a primeira metade da projeção. Dormiu estirado em uma almofada, pernas abertas e as mãos sobre o pau e o saco, uma cara de gozo contido, como se fosse invisível. Foi o amendoim que faltava – terminamos o filme, eu me deitei sobre a rede e contei meu sonho confabulado com a Flávia. E aí começou uma história de amor nada natural para mim, sem nenhuma ordem aparente ou redenção.

Flávia era bem mais velha do que eu, vinte e cinco anos mais velha e vivida, já era graduada e viajada enquanto eu nascia chorando, abrindo os pulmões. Talvez tenha sido a admiração profunda que tenha me deixado tão passional, apaixonada. Ela tocava meu corpo com precisão, sem ser homem nenhuma só vez. Era mulher, sobretudo mulher, e

uma mulher muito safada. Minhas vergonhas funestas foram desmascaradas por ela já nos primeiros dias. Dizia eu amo seus seios, não os esconda de mim. Logo dizia, não lava a buceta, adoro teu cheiro, e depois elogiava meus inícios de rugas, e as celulites ainda encabuladas que cresciam ao redor da minha bunda. Parecia que admirava o fato de eu estar virando mulher madura e não se atormentava com meu futuro caquetismo, já tinha passado por essas crises todas, e já tinha passado. Falava baixarias escandalosas no meu ouvido quando transávamos corpos e licores. Dizia do seu entusiasmo com o corpo de uma mulher jovem e não tinha vergonha de me devorar a jugular como quem bebe sangue, como quem se fortalece, vampira. Não odiava homens, muito pelo contrário, dizia que eram necessários, e alimentava alguns amantes machos, que nunca me apresentou. Cada telefonema que recebia pareciam punhaladas na minha barriga. Eu sentia assim no baixo ventre o desespero de saber que nunca seria minha de fato, que eu era mais um dos seus casos, e talvez o menos exótico, o menos importante, o mais parecido com os temas de novelas, um amor comum. Alguns sábados à noite, simplesmente me telefonava dizendo que estava tudo bem e logo já não fazia mais contato.

Nas primeiras vezes que ficamos juntas, pensava que se alimentava da minha juventude, me agradava dar-lhe carne fresca, merecida, mas que só eu fornecia. Depois fui entendendo que nenhuma solteirona de cinquenta anos se basta como solitária faminta, mas que traz tramas nas entranhas. Sentia-me solta, inquieta, achando que estava alimentando um monstro saciado, que bebia o meio das minhas pernas como quem gosta simplesmente de beber, e não como alguém que descobre a bebida essencial. Todos meus homens tinham me feito crer que eu era bebida essencial, mas ela não, ela me fazia ficar de quatro, enrolava a echarpe no meu pescoço e me arrastava nua pela casa atrás

dela, fazendo com que minhas preciosidades, dadas a alguns homens somente em momentos de muita intimidade, se tornassem brincadeiras caseiras, fim de tarde das terças feiras. Eu não sabia o que fazer de mim, nem dela. Fui me tornando uma cadelinha atada na echarpe dela. Eu lhe contava tudo, ela ria, todas minhas tentativas de lhe causar ciúme se tornavam motivos de gargalhadas, e ela gostava mais ainda de se lambuzar em minhas coxas. Nunca me deixava sem gozar, mesmo quando eu não queria. Parecia adivinhar minúsculos prazeres do meu corpo. Um dia ela ligou me chamando pra casa dela, eu disse que tinha um encontro, ela falou bem devagar, gatíssima, depois do encontro, se você quiser, passa aqui em casa, eu comprei um brinquedo novo pra você. Não passei. Tampouco fui feliz no encontro, o cara bêbado, estabanado, pegou forte demais meus seios, sem critério, sem cuidado, sem os pontos necessários, ninguém mais sabia me fazer deleitar, ninguém mais me fazia virar animal indômito, virar aquela rebelião de insetos, só com ela que virava inseto, que praguejava e gritava sem nenhum pudor. Murmurava zumbido. Gutural. O resto me parecia pequeno, e queria que ela sentisse o mesmo. Mas não conseguia. Eu fantasiava seu corpo como um lugar de segredos. Ela gemia com cada tocada de lábio que eu dava nela, qualquer parte do seu corpo. Ela não precisava de mim, eu precisava dela, ela era necessária, eu era um capricho, ela era a rainha, eu uma cobaia. Bebi goles desesperançados com amigas héteros, que riam das minhas crises; eu as achava fracas, mulherzinhas. Um certo feminismo lésbico impregnara minha visão das coisas, e eu não conseguia mais achar graça em nenhuma posição produzida por um homem macho, que me enchia de suas toras desajeitadas, que me desengonçavam. Com ela, qualquer posição me tornava musa. Sua maneira de desejar meu corpo parecia acima de tudo digna, e ela tinha um cheiro suave. Quando estava sozinha, queria estar com ela, quando estava com ela, queria

ser ela, e nunca tinha vivido uma paixão assim. Eu queria morrer. Qualquer frase boa, me lembravam as falas bobas dela. Qualquer gesto sensual na rua, me fazia sentir os seios dela na minha cara, me enchendo de um leite só imaginado, com gosto bem diferente das porras que eu estava acostumada. Quando eu falava em amor pra ela, ela elogiava o brilho dos meus olhos; eu queria ela minha, minha, minha. Mas não a tinha. Ela era inteligente demais para se entregar para o amor, ela queria somente a cereja, eu odeio bolos de aniversários.

Me dei conta que era bem mais velha que ela. Era de outra geração, tinha outros costumes, e comecei a lutar para trazê-la para meus comandos. Mas meus comandos eram fracos, perto da ingenuidade dela. Era tão honesta, que me exasperava. Não tinha e não queria, ter controle de nada. Minha tentativa de controle soava como música ruim aos ouvidos dela, ela simplesmente ignorava, queria algo mais certo, ela dizia. Se é para dar certo, vai dar, não te preocupa com tantas coisas se só uma te é necessária. Tínhamos pontos de vistas bem distintos sobre necessidade. A necessidade dela era meu amor inteiro, esporádico. Eu queria o seu tempo. Ela queria minha vida contada no coito, eu queria sua vida. Cheguei à conclusão que deveria mudar tudo a minha volta, cortei o cabelo, implantei cílios grandes e entrei na musculação. Ela falou um dia, você me sufoca com seus músculos rápidos. Ela me queria flácida. Ela própria flácida, tão dona de si. Suas crises eram sempre de uma ordem mais intensa que a minha. Suas preocupações giravam em torno das impossibilidades, eu me mostrava mundo, ela dizia mais um mundo. Eu queria morrer de amor. Eu queria ter sua cabeça, seu corpo, sua idade, ser ela, enfim. Quando tocava na bunda dela, eu me sentia homem. Quando ela tocava na minha bunda, se sentia flor. Todos meus modelos héteros não davam certos com ela, não porque fosse uma super mulher, era sobretudo mulher, uma



mulher vivida e cheia de poesia. Ouvia música alta e chorava até dar pena. Ela se deitava com os braços abertos para o infinito da sacada do apartamento, e chorava tanto que eu achava que a cidade inteira inundaria. Seu choro era honesto e muito sedutor. Depois se despia inteira e abria sua genitália para o sol. Dizia, vem gatíssima, se deitar nos braços do sol generoso. E outra poesia. Ela era uma velha louca, só eu era mais velha que ela, e muito mais louca. Eu me atirava nos braços da noite sozinha, pensando nos quadris dela.

O grau de tesão e paixão que tive por essa mulher me surpreendeu, pensei que só poderia sentir assim com homens, príncipes e sapos, não com mulher. Mulheres não estavam nos meus planos, nem na minha consistência. Sentia culpa, muita vergonha. Tinha medo que me julgassem. Parecia que minha paixão tinha ganhado uma conotação doentia, pensava muito em morte, ficava tensa todo tempo, e cadela do seu chamado. Éramos duas mulheres nuas, nossas brincadeiras tinham ressonância, nossas peles se pareciam na cor, tínhamos forças parecidas, banhava-nos de creme e curtíamos alguns dias juntas no SPA. Duas felinas delicadas, cheias de ternura e sensualidade. Duas decadentes amaldiçoadas pelos homens, apartadas da conexão hétero, sofrendo preconceito compulsório por andarmos de mãos dadas em áreas públicas proibidas. Nossas brigas eram mais honestas, menos históricas, tínhamos a mesma força física, era uma luta de iguais, não aquela relação desigual onde o macho ameaça com sua força física e a mulher aceita, ou o homem se torna complacente até a irritação fatal.

Era a primeira relação entre iguais que tinha na vida e sentia que algo era substancialmente diferente, pois se tratava de uma felação feminista e lésbica, conscientes do machismo do entorno, da nossa condição de minoria, dos guetos que dispúnhamos. Me passava pela cabeça que nunca mais poderia voltar, que estava destinada a uma vida secreta,

tímida e com poucos amigos, somente os que aceitavam a situação com naturalidade, o que não passaria de mais um gueto.

A sensação de que ela era superior me tomava inteira. Sua pele tinha som de rabeça, eu sabia que estava diante de uma superioridade. Só de ouvi-la falar imaginava que o mundo inteiro deveria se curvar e não raras vezes me vi limpando o chão para ela pisar cheia de virtudes. Como se brotassem matagais nos lugares que punha os olhos. Tudo ganhava cores. Podia ouvi-la por horas, sem me cansar, nem interromper-lhe. Era sábia, profunda, inteligente, de uma simplicidade arrebatadora. Tinha vontade de comer dos restos que lhe caíam da boca, me embebedar da sua baba. Das suas mãos talentosas que tocavam violino. Das poesias que fazia sem nem piscar. Era Petensiléia, Valquíria, bruxa guerreira e generosa. Fui me apegando a detalhes de suas manias, seus temperos, seus sabores, autores, romarias. Agradecia em baixo tom o fato de estar comigo. Agradecia o tempo, mesmo sabendo que eu não merecia. Me entreguei de um jeito admirado, nefasto, já não queria ter vida própria. Ela me oferecia música, nostalgias. Me cantava cantigas antigas, já esquecidas por quase todos. Gostava de amigos esquisitos, de deitar na rede, no sítio, sozinha. Seus amigos que conheciam o mundo, com os quais mantinha amizades inteiras, precisas. Amava os bichos, não comia carne, mas me comia compulsiva, zombeteira. Sofria com minhas contingências e se despedia. Sua pele, sua pele, ardida. Fomos felizes. Por um tempo fomos as mais felizes que conhecíamos.

Tinha todos os tamanhos de consolo, cores alegres, vazias. Ela me atava nas paredes, me lambia, puxava meu cabelo com força, me socorria das paranóias, das perseguições. Era estado de graça, era estado mítico, era musa, diva. Coleções de quadros pintados do corpo dela. Se

despia. Era fotografada, assinava textos, livros, música, tinha fãs. Era ocupada, conhecida. Não tinha a disposição que eu precisava. Mas eu a amava. Fui conhecendo outra força que brotava dentro de mim, que eu não queria. Eu a sufocava. Atava-lhe panos na cara, lhe retorcia, dizia pra ela, só eu te vi assim. Você é minha. Depois lhe prestava culto, lhe servia chá. Não sabia o que fazer com a culpa, junto com ela ou sem ela, tinha culpa, chafurdava numa lama seca e funda, que ressecava minha pele, me deixava idosa. Me amolecia. Perdia as forças. Suava de dor e afundava só. Ela percebia, me dizia das minhas belezas, dos meus talentos, do mundo que me aguardava, mas eu não queria nada, vontade de nada, estava bêbada dessa mulher que me parecia superior a qualquer santa. Quando lhe imaginava, era arremessada a imagens de luz, de água, de força, queria construir uma cidade com o nome dela e me pesava a pobreza, minha falta de arquitetura. Eu era inferior, a mais inferior. Mortal e indigna do olhar dela. Fui me tornando feia e vazia. Meus dentes se enfraqueciam, minhas pálpebras caíam, fumava demais, bebia demais, eu me drogava nas vastas horas vagas sem ela. Vivia ressaca diária, incorporada, mal do fígado, do estômago, bati com o carro, perdi documentos, perdi bolsa do mestrado, cavei uma sepultura no fundo do pátio de uma amiga, eu lhe implorei que pudesse dormir lá para treinar a morte, para enfrentar o medo, para aprender a morrer cedo, porque se ela morresse, eu não queria mais estar por aí, perambulando frouxa.

Meus excessos lhe cansaram. Cada vez mais viagens sozinhas. Cada vez menos telefonemas. Algo deu errado na minha iniciação. Não estava preparada para o encontro com uma mulher. Era de salvação que eu precisava, não de igualdade fingida. Não havia igualdade entre uma deusa e um micróbio. Eu queria grudar na vida dela, e ela queria viver serelepe, sem nenhum grude, peso ou cola. Eu agachava e limpava seu cu com a língua, depois que ela

cagava. Pedia para que mijasse na minha cara toda vez que acordava para mijar. Sonhava em ser um vaso sanitário, uma patente no mato. Uma boca aberta e grande que mastigava os dejetos dela. Mas ela estava cansando da minha falta de jeito. Gatíssima, segura tua onda, ela dizia, já não tão risonha. Lá fora tem muitas estradas. Mas eu queria viver debaixo da cama dela. Chupando o clitóris dela. Cheirando suas aberturas, seus buracos. Queria ser o laptop dela, para ser dedilhada, para lhe ser útil. Ela não queria mais nada, se entediava na minha presença premente. Eu lhe bati algumas vezes na cara, com força demais, pretendendo cravar uma sensação única na sua vida, só eu lhe bati assim. Nada mais funcionava. Ela dizia, vai embora do meu apartamento ou vou ser dura com você. Eu saía correndo para baixo da cama e dizia, quero ver você me tirar daqui, eu não tenho medo de nada, de nada, entendeu?

Ela se queixou com o círculo das mulheres. Falou tudo que estava acontecendo. Foi a maior traição que vivi na vida. No outro dia, vários telefonemas, visitas em casa, um exército de salvação lésbico fora ativado, e eu era a algoz, que seria banida, expulsa, admoestada, punida. Por amor eu enfrentei todas elas, possuída, endemoniada. Tinha certeza que desconheciam o amor lésbico. Só eu tinha ido fundo. Só eu tinha ido tão fundo que já não tinha volta. Queimei meu filme, levei vários bofetões e fui figura não grata em todos guetos lésbicos de Brasília e suas satélites. Minha fama de esquizofrênica atravessou todos os guetos desconhecidos, virei um mito nocivo, perigosa. Tive minhas coisas despejadas, já não queriam saber de mim, nem eu queria saber de mim e me internei por um tempo numa clínica de drogados, que não acreditavam que minha droga era o perfume dela. Lá não encontrei a paz, nem tampouco reconciliação com o que eu era antes disso tudo. Parti para brigas constantes, queria uma dor maior do que a que trazia no baixo ventre.

Com a cara roxa, seios machucados, com um dente quebrado na frente, sem perspectiva e sem retorno, apareci em uma das suas palestras. Ela ficou evidentemente afetada, e falou as coisas mais bonitas que já se falou nessa vida, cada letra pronunciada para mim. Me ajoelhei na frente do palco, com braços abertos e pedi perdão, aos gritos, perdoa meu amor, perdoa, perdoa! Não havia perdão, agora eu conhecia o lado ruim dela, o lado intransigente e arrogante, que ela sempre escondia. Fui retirada por dois gorilas vestidos de preto, me atiraram no chão da calçada, o que nem doeu. O que doía era a falta dela. Pensei em matá-la devagar, fazendo-a sofrer. Pensei em lhe poupar somente dois dedos de cada mão, para impedi-la de escrever, lhe torturar, tatuar sua pele à faca, espalhando meu nome pela pele dela. Arrancar as rodela dos seus seios enquanto gritaria sufocada com meus absorventes sangrados na boca. Pensava nos detalhes e me masturbava, heroína. Honra reconquistada.

O que aconteceu em seguida não lembro exatamente. Mas mudei de cidade para não conviver com as comparsas dela, sempre tinha uma disfarçada, em qualquer lugar que eu fosse. Queria fugir dela. Tinha medo de tudo. Continuei amando as mulheres, mas não mais com tanta entrega. Quanto mais passava o tempo, mais entendia seus risos, suas gargalhadas, suas autonomias, suas incredulidades, e entendia a sensualidade das mulheres que confiavam nos ponteiros mais mansos do relógio. Eu não precisava me banhar nos espasmos abaulados delas, como fazem os homens, eu precisava apenas juntar meu lago aos rios delas, para que minha água fizesse correnteza. Aquele tinha sido o romance da minha vida – ou, como eu prefiro pensar, o romance de uma parte da minha vida. Depois veio o casamento. Não o meu, mas o de Ana e Júlia. Eu celebrei o casamento e fiz um discurso apaixonado sobre o toque de uma mulher na pele de outra, tentando imaginar que poderíamos viver à margem da ordem sexual e descrevendo

a margem dos mamilos, a margem do pescoço, a margem dos lábios. Talvez tenha me excedido já que Ana e Júlia me convidaram para celebrar com elas também a lua de mel. Passamos a morar juntas, se bem que eu passo a maior parte do tempo viajando. Ana se tornou amiga da Flávia que passou a aparecer em casa de vez em quando. Voltamos a conversar. Ela me olha como se entendesse que eu quero estar na órbita de uma relação de mulheres, sem ser nenhum dos dois sóis. Acho que Flávia me entende: precisei ser a terceira mulher, a sacerdotisa, pirata, dispositivo de filtragem, caixa de ressonância e intrusa bem-vinda. É isso que eu me tornei na vida de Ana e Júlia.

E elas me pediram para falar outra vez, para celebrar um ano. Foi um ano de lua de mel para mim, um ano de doçura destas duas mulheres, eu não sou o foco, mas a margem desse casamento. Uma margem que é mulher todo o tempo, quando duas mulheres não se bastam. Adoro quando durmo apenas com Ana, quando Júlia quer suas noites de solidão ou suas noites fora de casa. Adoro quando durmo com as duas, já que Ana nunca dorme sozinha. E, às vezes, apenas observo de longe as duas se amarem por muitas horas, minhas mãos apenas levemente acariciando o cabelo das duas, para que elas tenham um ímpeto extra, uma mão invisível no meio do seu amor. Eu quero agradecer a Ana e a Júlia por seu ano de casamento. E agradecer a todas vocês. E por terem trazido Flávia aqui para esta pequena festa, para me ouvir e me olhar com estes olhos de quem sabe amar mais do que sabe entender.

Obrigada.

*“... membro se  
constrói,  
cabeça ninguém  
constrói”*





## **brenda comendo david**

Enem gostava de brincar de boneca – se bem que apalpava elas, esfregava elas na genitália, queria comer elas todas, enfiar alguma coisa gigante em algum buraco escondido delas e fazer elas darem gemidinhos. Nem gostava de brincar de metralhadoras, apenas apalpava cada uma delas entre as pernas querendo que aquela força metálica, aquela solidez firme, aquela capacidade de ser mau elemento estivesse enfiada na sua boca ou em algum buraco escondido entre suas pernas – algum buraco que nunca soube para que serve. Com oito meses foi acometido de uma fimose pelo caralho e algum profissional de branco o descaralhou em oitenta por cento.<sup>1</sup>

Mãe e pai, vendo a abjeção solta entre as pernas de David, saíram catando profissionais de branco. Primeiro veio um homenzarrão aberrante com os cabelos delgados e ofereceu, como quem oferece chocolates a uma criança, uma vagina completa; e ofereceu com sua parca psicologia

---

<sup>1</sup> O caso de David-Brenda é um indício do que acontece com as pessoas cujos corpos ficam interditos. Mais detalhes do caso de David que terminou suicidando-se depois de passar pelas mãos de médicos que acreditavam na pedagogia dos papéis sexuais como Money e de médicos que acreditavam na anatomia inata dos papéis sexuais como Diamond e Colapinto, por exemplo, em *Doing justice to someone*, em Butler, *Undoing Gender*, Nova Iorque: Routledge, 2004.

dos pré-adolescentes – algum manual mal lido nos tempos de escola deve ter sido tudo o que o John Money deixou penetrado pela sua cabeça acerca dos rostos com espinhas. Ele ofereceu de bandeja e na lata uma vagina completa:

– Você vai poder ser mãe com esta vaginona, vai poder ser uma mulher de verdade, sem receios, ter uma família e um homem pra chamar de seu...

– Eu prefiro não.

Money chamou mesmo o irmão gêmeo de Brenda ou de David e pediu que ele ficasse em uma posição de quem estava comendo uma buceta imaginada entre as pernas do irmãozinho. A irmãzinha e seu parceiro que deveria enfiar a tal trosoba ficaram tremendo, assustados, tremendo, sem respiração. Calamidade pelos poros da cabeça. Money chamou uma legião de beduínos sexuais para mostrar a importância de ser mulher com toda sanha, toda biologia. David, embaixo de Brenda, pensava: é só pelo que eu tenho entre as pernas que sou digno de amor? Sou um perdedor.

– Eu prefiro não.

Brenda disse que não punha xoxota – mas assim, no meio entre o que entra e no que entra não dá pra ficar; os pais trataram de encontrar um jeito de eliminar aquela genitália sem órgãos. Levaram Brenda a outro hospital, outro avental, outra teoria geral acerca da cabeça, do púbis, da casinha e do carrinho: Milton Diamond disse que punha pau em Brenda e ela poderia brincar com suas escopetas de plástico sem destoar. Meto pinto na menina, Diamond disse, e ela fica como veio ao mundo antes de ser fodida pelo primeiro médico. Um pau pra Brenda, ele anunciou, e David, com os olhos espremidos:

– Eu prefiro não.

É o que é natural para David, veio loquaz um doutor, Colapinto: com o pinto nela, ela volta às suas origens, a como a Mãezona Natureza, colossuda, cheia de planos, a fez.

Colapinto dizia que foi cruel, cruel tentar meter uma cabeça de menininha na Brenda só porque ela não tinha mais o membro – membro se constrói, ele fazia, cabeça ninguém controla. Uma vez que David nasceu David, não adianta tentar vesti-lo com cuequinhas rosas, uma menininha não se constrói. Puseram um falo na Brenda:

– Eu prefiro não.

Nos errantes da vida, estas calamidades se aceleram com uma trouxa branca para a morte com um torturador escondido embaixo dela. Chegou quem você esperava – agora é só se recompor. Ajeita o cuecão, enfia a calcinha no rego; faz de conta que você não é abjeto, é naturalmente homem, mulher ou calango. Não fique plácida, ajude a revisar todas as notas comparadas do DSM-5 como se fôssemos feitos de órgãos em bom funcionamento.

– Não.



*“... mas o pau dela  
continuava enorme,  
roçando na minha  
barriga”*



### **...eu sou o caminho, a verdade e a vida**

Ela era uma mulher. Era toda mulher em seus calcanhares afivelados no sapato de salto baixo, de couro escuro e nas pernas finas brancas que apareciam quando terminava o vestido azul, pelo meio das coxas. Sua voz era uma voz arfada e de menina. Tinha os olhos abertos e uns pequenos anéis nos dedos, brancos, todos menina. Eu estava ali para falar da origem das potências – onde ficam as coisas antes delas acontecerem. Era um encontro sobre possibilidades e impossibilidades. Ela, uma advogada, a serviço de encontrar uma forma de tratar do direito dos pedaços que ficam dentro das pessoas: o direito trata das pessoas como se elas fossem indivisíveis, ela estava ali para perguntar se era possível um direito que tratasse das minorias dentro dela.

– Vários infinitos? Ela me perguntou depois da minha apresentação.

Como ela não acabava de se interessar, sentei ao seu lado com seu bloco de notas e uma caneta: pelo menos dois, pelo menos dois infinitos. Comecei a escrever números, os números naturais e depois, embaixo de cada um deles, os pares e os ímpares. Eu queria que ela seguisse interessada pela minha muito pequena aritmética transfinita, e ela abria os olhos mais ainda a cada fileira de números que eu

adicionava. Eu olhava para seus pés, as formas dos pés das meninas, um jeito da pele curvar e ficar definitivamente redonda.

Ao lado de um quadrado de números para o qual eu olhava de soslaio enquanto via seus olhos mais abertos e onde não poderia caber todos os infinitos, fui desenhar o *aleph*. Tentei recriar a forma que para mim às vezes parecia a forma de uma letra viva, ganhando corpo, ganhando movimento, como se cada perna do *aleph* – uma para cima, uma para baixo – fosse um órgão antes de começar a viver, um *golem* feito de grafite sobre o papel branco do caderno dela. Eu queria que ela visse, mesmo que eu não lhe dissesse mais nada, que naquela letra cabiam muitas partes, muitos pedaços, que o infinito se insinuava por dentro daquele símbolo. E logo em seguida ela pegou sua bolsa, pequena como uma bolsa de menina de escola, se despediu e saiu. Uma mulher com hora para sair.

Depois encontrei com ela no corredor. Ela estava sozinha, como se estivesse com a cabeça cheia, mas parecia que andava como quem anda de mãos dadas com uma amiga de infância. Ela falou do que eu falei sobre as potências, sobre os infinitos, mas também sobre meus cabelos, minha voz carcomida, meu jeito de andar. Era um código, umas letras que se mexiam no meio das palavras, que estavam prestes a ganhar vida, a um triz de fazer alguma coisa acontecer. Eu respondi com umas insinuações – não podemos fazer nada senão insinuar. Depois eu topei com ela ao longe – onde ela sabia que eu ia estar: na sessão sobre germinações, ela já de saída me contou que estava fazendo uma horta. De noite trocamos telefones e beijos. Eu não queria mais parar de beijá-la, a boca parecia feita de uma mucosa muito genital, e nos apalpamos. Por dentro da blusa dela minha mão encontrou a barriga, e as costas e o contorno onde começava a sua pequena bunda. Eu fazia roçar meu



pau pelas suas pernas e ela, com os olhos baixos ou fechados, virou-se de costas algumas vezes e me oferecia a bunda para eu roçar – acesa, ela colocava a pressão contra o meu corpo e arfava, gemia baixo.

– Eu tenho que ir, ela disse. E eu fazia propostas; ela dizia hoje não.

Foi em outro dia. Ela tocou minha campainha numa noite, entrou, me abraçou e, depois que eu apertei ela muito, estávamos na cama. Uma delícia continuar a beijá-la e pressionar meu pau contra sua saia, ainda mais curta, ainda mais levantada. Sua calcinha era larga, mas pequena. Ela tirou a calcinha de uma maneira que dizia o que ela queria – eu arranquei minha cueca muito mais rápido do que eu conseguia e, o coração em disparada, friccionava meu pau contra sua coxa enquanto sentia quanta água vinha molhando minhas ancas – sentia quanta coisa havia ali, embaixo das minhas ancas. Ela fez um movimento rápido, como quando apenas um traço muda a configuração das coisas – sua perna esquerda se afastou da outra mudando tudo, em um segundo. Meu pau já não se apoiava na sua coxa, estava no vão da sua buceta e qualquer movimento que não fosse penetrá-la seria fazer gestos demais. Depois de alguns minutos, eu tirei o pau dela e ela, mais rápido do que eu conseguiria movimentar um dedo, virou-se de costas e me ofereceu seus buracos para que eu enfiasse nela por trás.

– Eu adoro, eu adoro isso, ela dizia. Eu pressionava com toda força que tinha meu pau para dentro e para fora dela.

Depois ela se deitou de lado e colocou meu pau dentro dela, com seus dedos ágeis. Com minha mão eu descí os dedos pela sua barriga e encontrei seu clitóris, já enorme, tão ereto quanto meu pau dentro dela. Segurei o clitóris com todos os dedos da mão, e esfreguei com o dedo indicador a parte da frente do seu pau até chegar a ponta dele. Minha mão escorregou para sua barriga e foi então que meu

coração acelerou de novo. Parei de penetrá-la, virei seu corpo de frente, abaixei a cabeça e vi aquela pica, ereta, tocando a borda sul do seu umbigo. Eu não sabia o que fazer e ela me abraçou. E suas costas, seu pescoço, seus cabelos roçando meus ombros, cabelos e boca e orelhas de mulher – ela era uma mulher. Eu disse, que impressionante. Mas minha mão já estava longe do seu clitóris, de sua buceta, eu chegava até o começo da sua bunda apenas. Me afastei para olhar a sua cara, e ela tinha uma lágrima seca nos olhos, mas sorria. Eu a beijei. Mas parei logo, ela me abraçava, meus braços entre seus braços. Meu pau diminuído parecia debruçado sobre o lençol. Mas o pau dela continuava enorme, roçando na minha barriga ainda que eu fizesse uns pequenos movimentos constrangidos para me esquivar. Em um impulso, desci meu rosto até seus seios, pequenos, os mamilos eretos como se apontassem para alguma coisa na minha direção. Beijei seus peitos, e ela lentamente, roçou seu clitóris ereto pela minha barriga.

– O que você quer fazer? Eu perguntei depois de muitos minutos com os lábios trancados, calculando, em assembléia com todos os pedaços politicamente engajados dentro de mim.

Ela sussurrava, como se estivesse falando apenas para o meu ouvido direito, como se não quisesse que o resto de mim ouvisse. Ela disse, eu quero continuar. Eu quero. Eu quero que você não pare. Mas.

– Eu vim aqui ser uma mulher, ser uma mulher para você.

E sua boca desceu na ponta do meu pinto e começou a lamber, lambia de um jeito que minhas perturbações se dissipavam, eu apenas queria ela, ela, ela. Você veio dar para mim? E eu penetrava na buceta dela, já sentindo seu pau, enorme roçando na minha barriga. Segurava suas pernas, abertas, finas, brancas, de mulher com meus braços e penetrava sem parar e ela gemia sussurrando.

– Eu adoro isso, eu adoro. E não me deixava parar.

Ela gozou logo, sua buceta encharcada, parecia uma caverna de cobertores que se contraíam cada vez mais. E depois o clitóris, o pau enorme soltando porra pela minha barriga. Eu passei a mão pela porra, branca, uma porra de menina, ela era uma mulher, e desci os dedos pelo seu pau até chegar na pele em volta do umbigo, lisa, tenra e baixar os dedos para baixo, onde ela tinha o pau branco, feminino e sem nenhum pelo – ela se depilava por toda aquela área – e embaixo, sua buceta, aberta como uma janela. Passei a mão muitas vezes no caminho entre seu umbigo e o começo do seu pau, que diminuía lentamente – minha mão se convenciu daquela geografia inesperada que eu acostumava. A pele, branca, macia que subia pelo seu pinto que se recolhia, ela, mulher, me abraçava, triscava meu pau, tântrica. Você veio como mulher hoje, outro dia você vem como, eu parei, como outra coisa?

– Não sei, ela fez.

Ela me olhou com sua pressa, tinha que ir embora. Não podia ficar para dormir. Mas me olhou com continuidade, eu quase sabia que ela ia voltar.



*“... deixa a pica lá,  
chamemos a menina  
uma menina”*



## **nem pertence a um corpo com órgãos demais**

Ela era feita de um corpo pós-edipiano e amava sua mãe desde que com ela foi expulsa de três igrejas. Eu era o Ente, a tia de alguém, e ela ficou descontrolada quando viu minha camisola roçando nos seus quadris. Ela apertava as mãos em seus cabelos escutando o Nirvana rimar sua libido com um mosquito e de vez em quando lamentava ter arrancado seu pênis algumas vezes de forma tão incisiva, para nunca mais... Logo perguntaria ao psiquiatra quantas vezes poderia mudar de sexo em sua vida? Suas tragédias não passavam de cardápios de fim de noite em restaurantes de pousadas sem pretensões na costa nua do Ceará. Mas eram tragédias de apertar as mãos no cabelo. Ela arrancara o seu primeiro pinto com um quebrador de nozes quando a rola estava dura de ver um judeuzinho sardento abaixar a cabeça para deixar o irmão mais velho satisfeito – ela, a rola, ficara tão dura que ele não sabia mais o que fazer e foi incisivo.

Demoraram seis anos para ele se decidir a botar a bucetona ali onde havia os frangalhos do caralho. Ficou de buceta uns anos, foi tempo de dar para um afinador de pianos e de tentar ser tentáculo de nabo, de pepino, de cenoura – quando a maré enchia ela colocava o seu vibrador holandês e apertava o botão “come in 20 seconds”. Era inundada por aquela porra fabricada, com cheiro de camisinha de

morango. Elaine Rolnik dizia que para a maior parte dos brasileiros um pau devia cheirar a morango. Disse ao médico que queria uma pica de novo e ele lhe fez a pica – aos moldes de um homem que há muitos anos contracenou em um filme com a Cicciolina. Comeu três irmãs judias do judeuzinho sardento, todas sardentas e com seios que pareciam, cada um, com o mundo todo; mas não comeu o judeuzinho. Arrancou fora o pênis desta vez com uma dentada da mais nova das Rosenberg que nunca entendeu porque ele punha seu corpo à disposição da solidariedade com todas as pessoas da cidade. Ela sim era mais incisiva que o quebra-nozes. Esculpiu uma vagina aconchegante entre as pernas e se pôs a ser parte de um grupo de mulheres pela liberação imediata de toda tecnologia. Acabou levada pelo Ente com uma barba que crescia para perto do mar para escrever sobre os tempos em que atravessava a rua com tornozeleiras para mostrar aos médicos que as pessoas têm o direito de ficar na genitália que conseguem ocupar.

– Guarda o teu pauzinho para a próxima menina especial que tu encontrar na praia.

Ela não queria aquele rapaz, não na praia, não quando ela estava concentrada no que escrevia. Não precisava mostrar a um homúnculo dentro de si que era capaz de levar a cabo a sedução que derramaram sobre seu corpo na beira do mar. Precisava mostrar a um homúnculo dentro de si apenas que era capaz de atrair a sedução – que alguém quisesse se arriscar por ela. Ser desejada. Aquilo era um tonificante para os seus músculos, era um liquidificador para o seu sangue. Sentia-se retomada de promessas, de algo que não necessariamente tivesse que ser cumprido, mas que a injetasse numa dose de esperança, sem condição de fracasso, enfim era crédula demais para acreditar em fracassos cheios de pureza. Foi o que sempre considerou em suas trocas insistentes de sexo, tira e bota peito, tira e bota pau no cu, na boca e no próprio pau, que às vezes é buceta.



Os problemas que tinha realmente eram com amigos, que tinham sempre que estarem sendo investidos da novidade de sua sexualidade mórbida para alguns, inconfessavelmente sexy para outros. Como para o seu colega do terceiro colegial. Com ele sempre conseguiu chorar, era de uma ternura, de uma vulnerabilidade falsa – porque cética como era, não podia acreditar nem em suas próprias lágrimas – mesmo assim o coitado do amigo lhe servia de ombro, de lenço, de um consolo bem distante do que costumava levar na bolsa.

Ficou estranhado com a última operação. Virara homem de novo, para não desejar nem homens nem mulheres, mas neófitos. Queria tudo que aprendia e se surpreendia, mas que não tinha juízo ainda pra julgar o intempestivo... Se dava à escrita sem cair no pecado mortal da pedofilia. Gostava de resistir um pouco aos pecados mortais – não é que desejava eles por serem pecados nem por serem mortais – desejava o que desejava: aquele pau da menininha que nunca fora chupado; ela, tão pequena, tão urbana, tão convencida de que uma menininha não tinha pinto. Foi o Ente que lhe contou, em confidência bebendo gim com vermute na beira das águas belas, que ela, a menina do biquíni azul – ela, que parecia com a crente em deus que quase alucinara os dois pregando contra os santos da umbanda enquanto roçava a perna sobre seus joelhos em um buggy alugado com espaço para menos de três – era sabida desde recém-nascida.

A menina do biquíni azul nasceu com tudo, a operação não aconteceu porque a médica se encantou com o pênis por vir que segurou nas mãos e, vendo naquelas carnes minúsculas uma pica grossa como a do enfermeiro que trabalhava ao lado e dormia com ela no meio da semana, decidiu deixar a menina como estava. Nada, ninguém iria colocar em questão a sua reputação – deixa a pica lá, chamemos a menina uma menina. E ela cresceu, o biquíni azul flutuando com suas costas no rio que leva ao mar. Eles

alcançaram ela enfiando os pés em um banco de areia e a paciência de esperar ela boiar até eles, e ela chegou devagar sem saber que se sorrisse por mais um minuto ou dois terminaria com as mãos dos dois por todo o seu corpo. A menina do biquíni azul não resistiu nem ao Ente nem a ela, de pau quase novo, que tocou suas coxas e, olhando em torno, deixou sua boca ser beijada. Ela não era beijada na boca por qualquer um, apenas dois homens, que terminaram morando com ela por quatro anos cada, enfiaram a língua no seu céu da boca. Agora, a menina do biquíni azul, lábios grossos colados nos dele, e ele com as mãos na sua bunda e bastaram alguns segundos para sentir o pinto por dentro do biquíni azul, grosso como imaginara a médica, ela, e a médica, gostava. Em dez minutos eles estavam em um quarto com vista para a areia e a menina sem o biquíni azul, os peitos cada um na mão de um e a buceta mordida pelo Ente; o membro despercebido, ela iniciou a menina que nem sabia que tinha um pinto e gozou na boca dela uma porra de virgem, uma porra com gosto de biquíni azul – muita porra.

O psiquiatra foi encorajador e incisivo como as pessoas que vestem branco aprendem a ser: não havia limites na alma humana para modificações nas configurações das peles entre as pernas. Não precisaria se lamentar, apenas passar pelo ligeiro incômodo de sentar e esperar de pernas abertas que lhe mudem o permanente. E depois, ele sugeriu com aqueles ares de quem não se incomoda em supervalorizar sua especialidade: a alma humana pode até prescindir destas intervenções micro-cirúrgicas. Basta mudar os gestos. Mas não se convencera, sempre quis ter um pau para cada coisa ao invés de ter pau pra toda obra. E nunca gostara de pensar em escova progressiva. Mesmo assim correu para o cirurgião: a menina do biquíni azul, como? É que ela e o Ente levaram a garota para um festival de cinema transviado, potente, potente. Ficou amiga da Juliana que vestia seios e que sussurrava no ouvido de todas as outras que queria muito

poder ir a um terceiro banheiro. No fim da noite, depois de sambar ao som de forró, merengue e reggae, Ju se desabafou na rua mesmo, no canto da calçada, de pé. Melhor assim. Já a menina do biquíni azul queria saber tudo – o pequeno mundo dos homens sempre foi mundo distante; a distante terra dos meninos que tentam passar a mão na bunda das meninas gostosas e agora ela acordava todos os dias com pau chupado. Sua mãe há anos não olhava o terreno todo acidentado entre suas pernas e as outras meninas eram discretas. Ela mesma aprendeu desde que cresceram pelos por toda a região que era melhor virar de costas e exibir a parte de trás do seu corpo, suas nádegas crescidas e arredondadas – ela sabia que ali era sua melhor coleção de formas e as meninas não olhavam do outro lado daquilo tudo. Sua mãe lhe falava, contou sobre menstruação e lhe ensinou a contar os dias, a olhar a lua, a não manchar as roupas e ela aprendeu e acostumou – cólicas moderadas no dia antes do sangue, o lugar certo para o equipamento de estancar o fluxo, e os dias: sempre vinte e oito dias precisos.

Ela andava sempre com as primas, um pouco mais jovens que ela e que queriam aprender a ficar mulher com ela; tinha a prima Marjorie, seios pequenos, ancas modestas e lhe impunha seu ciclo sempre que passava uns dias dormindo na sua casa – Marjorie perturbava, uma fêmea de cheiro forte. Ali, no festival de cinema transviado, com Ju, com os dois que descobriram um falo nela ela se deu conta de que tinha sangue macho dentro dela. Uma madrugada de lua cheia ela olhou para o alto, sua mão direita foi rapidamente para aquilo que havia entre as suas pernas e uma angústia. Ouviu falar tanto de operações, colocar e tirar coisas daquilo que sempre foi do jeito que ela se acostumara a ser; ela nunca gostou de médico, tinha autoconfiança toda rígida com sua saúde, talvez adolescente e, no entanto, ela nunca gripava, quase nunca se machucava e dormia bem – comia agrião, espinafre, horas chupando frutas.

Era um bando de três no festival de cinema e, às vezes, na praia, o coração deles batia muito rápido. Classificaram as pessoas em dois tipos, as que amavam e as que nasceram para desejar. Logo confundiram as duas equipes e quanto mais confundiam mais rápido batiam os três corações. Passaram alguns dias assim grudados: ela, estreando seu pau novo, o Ente, preocupado, e a menina que comprara um outro biquíni na praia do Futuro, também azul, mas ainda mais celestial. Quando iam dormir em um quarto de hotel com vista para um longínquo Mucuripe, sempre apareciam outros realizadores, alguma fã de caras e bocas que perderam lições sobre como ser macho, algum masoquista de pescoço ocupado e o bucho cheio de bolo de baunilha ou, por vezes, transviados com uma genitália só. Os visitantes cruzavam as pernas nas camas dos três, sem orientação, e solicitavam parecer sobre suas pregas a cada um deles – era uma questão de isonomia e cada reentrância era examinada com unhas, línguas, dentes e com demora. Onde está isto, perguntava muitas vezes o Ente que, preocupado em identificar as rugas, ainda levantava sobranceiras por rugas sem órgãos, ficava querendo um parecer e chamava a menina com a parte de baixo do biquíni e lhe lambia a genitália completa enquanto ela, com o cuidado de uma iniciante, examinava as peles sem medo de fazer tanto peso nos dedos sobre os corpos que provocasse gozo.

Por duas vezes ejacularam ela não sabe de onde sobre os seus seios e o Ente, perplexo, era tia de alguém. Iam sempre dormir às cinco da manhã e, na manhã seguinte, faziam uma classificação completa dos corpos – descobriram que haviam noites hétero seguidas de noites homo. Ah, quantas confabulações comendo goiabada era preciso para aquelas classificações com os corações batendo como um trem na praia que chegasse a todos os ouvidos, os pares de pés nos colos deles, que lambiam e lambiam a língua lambida de pé. Quantos corpos eles fizeram naquele fim de semana de

vento? Gema, duas claras. A menina do biquíni azul gozava sempre com gritos estridentes. Ela era Marcela, sem ela não. Era saída de todos os seres de Restif e quando estavam os três alguém sugava-lhe as tetas, um membro dardejando nos seus lábios e metendo em sua cona com fúria e, de súbito, era toda vara enfiando em buracos, sendo sugado até descarregar. Os outros dois eram parciais, repletos, até os fios soltos do cabelo, de plausibilidade. Os outros dois ficavam com cabimento – ela com os fios grossos poderia amarrar ele pela glândula pineal. Não houve muito que pusesse garras nas horas e depois os três se separaram muito, uma foi para a escola, uma foi para uma oca xavante e o Ente não foi para lugar algum. Ficaram distantes e heterossexuais. Compulsórios.



*“... os contos a serem  
contados no ouvido,  
os ruídos importantes  
para o coito.  
Eras a mestra mais  
deliciosa.”*





## puta ontológica

Ela disse, eu sou puta, tu é só uma ameaça, um arremedo. Tu quer reivindicar o nome puta só pra ti porque não admite outras nuances que fogem da tua experiência, eu disse. Às vezes eu acho que ela sabe que sou melhor puta que ela, por isso me faz sofrer mais do que as outras, porque quer que eu tenha noção de companheirismo, quer que eu tenha sentimento de classe. Me acha individualista e extravagante, uma puta inconsciente de toda humilhação histórica das mulheres e mais ainda das prostitutas. Eu vejo tudo isso, tu me subestima, eu disse, só que não sou autopiedosa, não tenho pena de ninguém e associação pra mim funciona por sincronia e não pelo velho esquema de organização de classe. Sou puta *cult*. Eu quase parei de me chamar de puta pela tua histeria, tu quase me convenceu que não tenho talento, mas vou te dizer a verdade, tenho muito talento e nenhum princípio. Às vezes bêbada me contavas histórias de solidão que me fizeram sofrer muito por ti. Abortos em banheiros de botecos vagabundos, cheios de homens gritando teu nome na porta de fora, rindo de ti, muitos sabendo que podia ser um deles o culpado, e isso era uma piada, se acusavam entre si, é tu, é tu, enquanto tua barriga doía e tu não morria. Outra vez fostes encontrada quase morta na rua, bexiga arrebetada, hérnia, coluna, gastrite,

úlceras, todos teus órgãos se rebelaram contra tua forma de vida, só outra puta mesmo para te salvar, te levar pra casa, te alimentar, cuidar de ti como talvez tu nunca tenha cuidado de ninguém. Tu tem muitas histórias doídas, por isso te sente heroína. Por isso pensas que és superior, por isso te negas aprender o que quer que seja. Tu é convencida, o sofrimento te fez vaidosa, tu te acha especial, uma sobrevivente como poucas. Tu me humilhou naquele dia na frente de todas as outras putas, me dizendo que meu desejo de ser puta não passava de covardia diante do mundo. Que eu tinha outras oportunidades, mas não suportava dificuldades. Que todo esse movimento de quadris que eu tinha desenvolvido e acreditado que era talento não passava de uma fuga do mundo que estava preparado para mim: o mundo das negociações, dos discursos, das articulações políticas e financeiras, do colocar a cara a tapa para ver se eu era competente em outras áreas. Talvez seja uma mistura disso tudo e tu estejas certa. Foi por ser sexualmente livre, mas totalmente sem confiança que desenvolvi um ritmo sexual que enlouqueceu tantos homens, com os quais nunca tive filhos, quase nunca precisei cobrar nada para receber tudo o que eu queria e nunca fiquei mais tempo do que o necessário. Talvez seja porque sou cética, porque não acredito no amor, ou melhor, porque acredito tanto no amor que sou capaz de amar tantos quantos eu tiver paciência. Algo de talento e carisma de puta existe em mim, e fico tentando entender que imaginário é esse que se colou na minha nuca para eu achar que não quero saída. Seria uma vontade de ser subalterna, tratada como descartável? Para mim não existe outro caminho mais sedutor que eu poderia recorrer. A vontade de ser puta, de ser sustentada pelo prazer que eu possa ter e dar, dar, dar, de ser livre e nunca ter nenhum cafetão sempre foi alvo da tua inveja. Tu que passou por tantos caminhos parecidos com os meus, que no final te trouxeram desonra. Violência. Tu nunca entendeu a ontologia das putas. O desejo

ontológico que foge da apreensão de classe, de exploração e mais valia. Tu nunca foi a fundo nos teus desejos escusos. Tua vontade de ser puta se reduzia a um paradoxo até simples que te excitava, que ficava entre tua formação cristã e tua rebelião contra essa formação, tua rebelião carregava o signo do que para ti tinha de mais pecaminoso: a prostituição. Tu te utilizavas da prostituição para lutar contra tua culpa cristã, e tua culpa cristã nunca te abandonou por causa disso, tu criou um círculo vicioso em torno de ti mesma e cada vez te afundou mais. Já eu, nunca precisei trabalhar com contradição nenhuma, porque não fui criada no pecado, não tive formação de culpa e sempre galopei solta pelos campos onde me exibia desde pequena aos peões, aos pescadores e aos touros bravos. Tu teve um pai austero, eu não tive pai. Tu teve uma mãe religiosa, eu tive uma mãe louca. Tu teve irmãos mais velhos eu tive só eu e o mundo. Tu tenta me alimentar com tua sabedoria, mas na verdade queres me submeter a doses de culpa e vergonha às avessas para me sentir mais próxima da minha turma. Mas tua turma é a culpa e eu não quero culpa eu quero tu. Tu é a única que podes me entender. Me reconhecestes no bar desde o primeiro dia que me vistes, mesmo que eu estivesse disfarçada de óculos de grau, livro nas mãos, cigarrilha vermelha e pagando minha própria bebida. Tu mandou o garçom me entregar um uísque vagabundo com um bilhetinho dizendo: senta aqui. Como tu adivinhou que eu aceitaria? Tu uma velha feia com um batom vermelho que fugia dos teus lábios e escorriam pelas beiradinhas enrugadas da tua boca. Tu quase me deu pena, mas quando vi teus dedos amarelados de cigarro, os teus dentes escurecidos, te amei. Invejei cada um dos teus traços. Te fiz minha mestra. Te respeitei profundamente para que me ensinasses tudo o que eu não sabia. Te tornastes minha sorte, meu salto, minha mais profunda alegria. Me contava dos gestos de sedução, cada um deles. Eras pedagógica. Desenvolvestes um roteiro de olhares, de toques, de beijos,

de maneiras de utilizar a língua. Pesquisastes a fundo os pontos de prazer do corpo. Os contos a serem contados no ouvido, os ruídos importantes para o coito. Eras a mestra mais deliciosa. Te enchi de presentes, de perfumes, de roupas de bom gosto, cortei teu cabelo eu mesma e te deixei fashion. Me contavas dos poderes de cada dedo, das cores das unhas e das canções de ninar. Nesse tempo estávamos como apaixonadas, andávamos de mãos dadas no entardecer, atirávamos pedrinhas no mar, tu que colecionava pedras, eu só catava elas pra ti. A segunda fase foi mais densa. Contavas da violência. Dos tempos difíceis nas ruas das cidades grandes da América Latina. Das drogas pesadas que usavas, das bebedeiras sem fim, dos homens quaisquer que catavas nas ruas desesperada, daquele cafetão que te fodeu a vida, que te roubou, que te deu essa cicatriz na cara que eu gosto tanto mas que te lembra épocas sofridas. Me contavas o quanto fostes valente ao baleá-lo no joelho, de o ter aleijado e de nunca mais ter voltado à Colômbia. Da paranoia que entrastes por achar que estavas sendo perseguida, que ele mandaria medir o teu caixão, dos dias insones depois de tantas caronas em caminhões, de carroças, do estupro feito por um índio que era da tua mesma longínqua etnia e que te fez entender que minoria não era só afeto e união como costumavas pensar. Das fugas por entre as ilhanas da Amazônia, da beleza de um boto com quem fizestes amor em Novo Airão. Do boto que te fez carinho, que te levou para nadar pelo Rio Negro, que te ensinou a acreditar de novo em mito, e em toda sorte de lenda, que te ativou a fantasia que te devolveu o brilho da pupila. O boto que dizes ser o peixe que ama as putas, ele próprio puta. Naveguei nas tuas lágrimas vertidas pelo único filho que tivestes, que segundo tu mesma é filho do boto cinza, que deixastes escapar das mãos na inexplicável tempestade que vivestes em um rio cor de láudano. Dos cerca de 50 homens por dia que atendestes no garimpo, que te encheram de ouro, mas que por submergir à

sua cultura gastastes tudo quando chegastes à cidade. Depois teus contos do Porto de Manaus, dos estrangeiros que te pagaram bem, dos que te recuperaram a conta bancária, que te levaram por viagens pelo Atlântico, mediterrâneo e Pacífico em barcos brancos e limpos alguns dos quais ainda te recordas às gargalhadas. Tua mala era cheia de pedras nesse tempo, já que não tiravas fotos. Tocas até hoje as pedras para lembrares que tens história. Hoje és uma cafetina consagrada, as putas do mundo te respeitam e querem ser que nem tu, eu quero ser que nem tu e vou ser, porque coleii tuas manias no colar de pedras que escondi num lugar de guardar segredos, pedras que roubei de ti. Com esse colar imagino governar a casa especial que abristes que abriga tantas putas de tantas diversidades de cores e línguas. Te irritas comigo porque nunca quis ser uma das tuas putas. Não aceitei teu convite porque sou empresária do meu próprio corpo e não suporto chefes. Tu só podes ser minha mestre por minha escolha, mas a qualquer sinal de submissão às tuas ordens, te desobedeceria por pura impaciência de ser mandada. O melhor de ti está no copo, quando me falas taquílala da coleção de toques que ensinas para tuas putas, das mulheres incríveis que tivestes como freguesas com as quais aprendestes a fazer amor lésbico com quem quer que seja. Tu me dizias: puta não têm essência. Isso me frustrava. De algum modo grudei em ti para que me mostrasses a natureza da prostituição. Havia de ter algum lugar onde se justificasse a existência desse ser para o sexo. Encontro Madalena em todo seu apedrejamento e seu perdão, encontro Pomba Gira em suas sete versões, suas sete saias e seus sete maridos, encontro Afrodite com sua belicosidade e sua sedução, mas daí não conseguia pensar a relação disso tudo com o capital. A barganha, a moeda de trocas. Tu me confundia, me confunde. Tu costumava me chamar de careta quando te perguntava como funcionava teu argumento pró-prostituição diante do movimento anticapitalista, dizia:

prostituta existe em qualquer sistema, comunista, capitalista e qualquer outro. Tu fez eu entender que as putas estão entre as coisas, os sistemas, os poderes. As putas não têm nacionalidade e tampouco gostam de guerra, elas estão entre as coisas, entre os bares, entre os partidos políticos, entre as guerras. Não porque as putas não têm senso de política, mas porque não enxergam sentido de demarcar de forma truculenta nem os corpos nem os territórios. Por isso a violência, o estupro e a violação a uma puta é sempre demonstração gratuita de um ódio à liberdade, porque se tens acesso ao corpo não precisas tomá-lo à força por pura idiosincrasia territorialista, é um dos outros terríveis paradoxos – território, posse, invasão, destruição, morte na cruz com o corpo. A violação a uma puta é sempre menos inteligível, apesar de se equivaler no horror a qualquer ser violado. A puta opera num entre a vontade de propriedade e poder e a vontade de nomadismo e liberdade, ela sustenta o paradoxo na sua prática diária sem defender nenhuma ideologia. É o ente do entre, doente de civilização, mas de modo nenhum sua doença. A entrada na prostituição é uma aclimatização e não uma escolha. Uma escola e não má educação. Diante dessas descobertas sobre ti, sobre mim e todas as outras, me encheste a cara com tua baforada e me repetiste: careta! Como tu é careta!!! De novo em busca da essência e todas essas qualificações que grudam em mim. Tira essas ideias de cima de mim, parece discurso abolicionista ao contrário. Tirar a ideia de decadência, de doença da civilização, da sensação de morte que carrega a puta é tirar seu écharpe, seu óculos escuro, seu charme. Não há nada de problemático no flerte da puta com a imundície e devassidão, tu dizia. O que está errado é esse amor ao plástico e às plásticas, na cara ou no museu. É o horror à vida sem ideal, o medo de perder o grande sentido da riqueza, da ideia e da limpeza. Uma coisa tá atrelada à outra. Ninguém nasceu pra ser puta, nem bancária, nem empresária. Todas essas

escolhas são alinhavos, conchaves, suturas, repetições dentro de um contexto maior que não se restringe ao econômico, mas está cheio dele. Não se restringe às territorializações, mas está cheio delas, não se reduz a sobrevivência da mulher ou do michê, mas tá cheio disso também. Não vais encontrar essências, vais encontrar linhas de contato, algumas que fazem gozar. Sim, eu entendia, mas faltavam dados. A ontologia que eu falava era sem cabimento, você não captou minha busca pela ontologia da puta, eu disse, e me coloca essas ataduras todas para me atazanar a vida, sua puta! Por que tu é puta? Como tu é puta? Para que? Eu perguntei a ela, já frustrada com minha própria insistência e com a sensação de ineficiência por não conseguir garantir um lugar para mim na mitologia, na ancestralidade. Gueixas, me ajudem! Quem as fez gueixas? Foram os homens sedentos de mulheres fáceis e sem moral? Foram vocês que se mostraram sedentas? Há uma dose de enlouquecimento nessas aclimatizações, eu dizia a essa puta velha na minha frente que achava minhas histórias ingênuas e de pouca relevância. Perto das suas experiências, todas minhas dúvidas e experiências eram por demais infantis, burguesas e até saudáveis. A aclimatização primeiro, eu dizia, seguida de profunda imersão, depois as consequências, as marcas, e por vezes completo afogamento, quando perdes a vez da saída, ou quando te faltam senhas para a fuga. Mas é sempre o outro que te diz o que tu significa, seja com gestos, palavras, acolhimentos ou rejeições. Em última instância, puta é só palavra eu dizia. Ela dizia: puta é palavra abusada de sentido, que escarifica o corpo, mas também é reconhecimento. Sim, porque quando te tornas puta, estás num rio lotado de putas, e nem todas têm tempo para essa elaboração toda. Eu sei, eu disse, às vezes me sinto mal por não ser suficientemente prostituída e fico com essa imagem de puta mito. É como se eu não tivesse mundo. Mas aí tocas num ponto muito interessante, tu disse, a puta é alguém que

cola no mundo alheio, é uma parasita, uma sangue-suga, uma chupa-cabra, ela se alimenta da diversidade de mundos, estar antenada no corpo o outro para viver suas fantasias é trabalho árduo, trabalho de feiticeira, tem que estar atenta ao desejo alheio com o fim de sustentar essa fantasia, e tem mais, de garantir liberdade para o cliente para não construir um ambiente de repressão, se fazes isso muitas vezes por dia, isso se torna muito fácil, essa leitura do corpo. Então se trata sempre de aclimatização, eu repeti. Ela disse sim, e de muita paciência. Chegamos à conclusão que ser puta é um clima, um jogo de palavras, uma necessidade, um estado passível de ser acionado, atualizado, *upload*, devir, uma radicalidade. Esse clima, no entanto, é sempre cercado de preconceito, o olhar sobre a puta é o que mantém esse isolamento ideológico tantas vezes atrelado a violência. Sorris quando falas que por mais arriscado que seja trabalhar nas ruas, existe uma relação que se estabelece com o espaço urbano, com os bares, hotéis, polícia, traficantes, turistas que é riquíssimo, cheio de relações e vizinhanças, enquanto dentro de uma casa de prostituição se evidenciam mais fortemente as hierarquias, os horários, as funções são mais prescritas. Liberdade ou segurança? Uma certa loucura da puta na rua. Eu tenho medo das drogas, dissestes. Depois de quatro vezes no pronto socorro com princípio de overdose por excesso de cocaína, fiquei ressabiada. Muita droga, muita bebida, muita inconsciência, muita destruição. Sonho com uma prostituição mais limpa agora, apesar de ter certeza que isso é um desserviço para a base experimental do ser humano que se dedica às práticas do sexo profissional. Ahahah, eu gargalhei, tu realmente acredita que prostituta é uma profissional? Ela disse que sim porque tudo que existia dizia respeito à especialização, e se as putas não exigissem esse direito alguém o reivindicaria, como as travestis prostitutas. Daí tocamos num assunto caro para ela, as marcas que trazia nos braços e nas costas em função das brigas por território



urbano entre elas putas e as travestis em quase todas as grandes cidades que morou. Aquelas travecas se juntam e nos expulsam aos pontapés das ruas que tradicionalmente sempre foram nossas. Essas brigas já colocaram muita gente no hospital, ela disse. Mas eu sou faca na bota, eu remexo minha bolsa que sempre carrega uma pedra aguda, sabes bem, comigo não tem dessa de repressão gratuita. Se bem que uma das minhas melhores amigas é travesti, e eu já ensinei muitas dessas bichonas a mexerem bem o rabo, do jeitinho que eu gosto, porque afinal peito junto com pau é uma conjunção cósmica, para isso sim tu vai achar bastante mitologia, peitos são sagrados! E terminou o assunto por aí mesmo. Eu disse: afinal se puta não tem ontologia, pelo menos deve ter alguma ética. Ética pra mim, dissestes é meter o braço no cu do marido das outras, mas se se meterem com macho meu, bolsa-de-pedra na cabeça. Dei um sorriso assustado e falei, mas que ética é essa? Não existe nenhuma concessão à coerência? Coerência é papo de político fia, é conversa dos defensores do trabalho, família e propriedade, com a gente não tem nada dessas coisas não! Defender coerência é defender o indefensável. Essa busca de ética sua é de novo busca de essência, puta não tem essência, já te disse. Mas existe uma coisa que não é bem prostituição e nem tampouco coerência com o desejo sexual. É um entregar-se aleatório para qualquer figura que se encontra na noite, na boate, um vício de trepar e como isso é insustentável – exige gastos com bebidas e drogas - acaba-se de algum modo cobrando-se para isso, nem que seja o direito à consumação. Essa é uma das entradas possíveis, dissestes, têm muitas outras. Muitas. De qualquer jeito não é possível separar essas entradas em categorias de classes sociais ou culturais. O lance é muito mais sujo e bastante óbvio. Quando a mulher reclama que foi tratada como prostituta, o que ela quer dizer? Suponho que quer dizer que se sentiu usada e que homem trata puta desse jeito. Mas pelo menos elas têm alguém a

incorrer, alguma explicação, alguma comparação, algum subsídio subjetivo e cultural que dê conta do sentimento; mas o que falar da puta que se sente assim? Ela vai dizer que o homem tratou ela como puta, ou seja, como ela mesma? E isso por acaso lhe daria algum tipo de conforto? Sempre há saída, seja pelo riso, seja pelo esquecimento. Dissestes.

*“... temos que valorizar  
os pedaços de carne  
flácida, os punhados  
de peles enrugadas,  
os seios fartos e caídos,  
o saco espichado e  
associar tudo isso  
com prazer”*



## **projeto de duas feministas velhas**

E as preliminares? Conheci Élide no fim dos anos 60, acho que numa manifestação um pouco antes do AI-5. Encontrei-a muitas vezes na casa de Joyce, uma militante que reunia apenas mulheres na sua casa às sextas-feiras, depois que o regime fechou. Eram reuniões intermináveis, muitas vezes ficávamos todas bêbadas e víamos pela fresta da janela do apartamento no Leme o sol nascer na praia. Joyce havia estado nos bastidores da passeata dos 100 mil, mas naquele ano estava se desquitando e andava querendo descobrir a solidariedade feminina. Sua solidariedade às vezes parecia intimidade – ela queria achar que na cama o feminismo é lesbianismo. Élide não parecia ter achado isso, mas quase não saía daquele apartamento. Éramos o núcleo de uma conspiração de mulheres com braços por todos os lados. Éramos todas jovens mulheres de menos de trinta anos e já quase todas esposas. Depois vieram os anos duros, muitas perderam amigos, tiveram maridos desaparecidos e quase todas se exilaram. Ainda lembro daquelas noites como espaços abertos em nossas vidas cada vez mais encurraladas. Élide se tornou psicóloga e saiu pelo mundo – acho que se exilou logo depois que a Joyce parou com suas reuniões de sextas-feiras. Tinha notícias dela de Paris, da Turquia, de praias remotas escrevendo livros. Encontrei-a depois de mais

de trinta anos na saída de um evento sobre travestismo e prazer. Ela não havia mudado quase nada, os mesmos cabelos pretos – ela sempre pintava – os olhos verdes e muitos panos cobrindo os ombros. Eu acho que a reconheci primeiro porque eu sei que eu estava muito mudada. Sentamos em um café e eu disse:

– Élida, você tá ainda tão bonita, não mudou nada, me conta tudo, tudo! Bem devagar...

– To fodida, minha nega! Tô voltando pro Rio cheia de ideias, mas sem conseguir botar os pés no chão até hoje. Ainda me apaixonei por um estudante da faculdade, isso tá me deixando alcóolatra de novo... Um uísque com gelo, por favor!

– Ah, é aquele moço que estava conversando com você? Ele é muito bonito mesmo, pensei que fosse um transexual...

– Não, nem é. Eu também andei azarando esse, mas saí em seguida, é muito cheio de neura e me chamava de mami quando a gente trepava, aí é demais pra mim. Queria tanto ser chamada de novo de princesa, linda, essas coisas que a gente ouvia naquela época, quase quarenta anos atrás, né? O tempo voa amiga. Ando tão nostálgica ultimamente! Na real, nesses últimos anos tive a maior despesa do mundo com os homens. Quem diria! Mas pelo menos me divirto ainda, tem gente daquela época, os que sobraram, que não fazem ideia do que seja isso. Querida, conta de você, o que aconteceu com você?

– Élida, você se lembra da Aninha, que era amiga da Joyce também, que morava na Urca e que era casada com um coronel da repressão, lembra? Então, neguinha, estamos juntas há mais de vinte anos, morando em Ipanema, cê acredita?

– Ahahahahaha, que ótima história. O coronelão deve ter ficado furioso! Caralho, você roubou a primeira dama do

quartel! Aliás, você comeu quase todas aquelas feministas, eu lembro bem que tive que ser dura com você...

– Todo mundo dizia que você era a namoradina da Joyce... eu quase nem me atrevia. Mas ó, foi a Roberta, uma das solteiras, foi a Lucia, foi a Marlene... não sei quantas. A Joyce também fez as suas investidas, mas ela nunca me deu tesão, você acredita?

– Acredito, a Joyce tinha algo de travecona, até hoje ela é desajeitada, mas tá muito bonita, com uma pousadinha nos Pirineus, casou com um francês uns quinze anos mais jovem, um broto, ahahah, charmoso! Me conta, você não ficou com homem nenhum desde aquela época?

– Bem, eu era casada com o Fenando, você se lembra dele? A gente era até feliz, revolucionários juntos e tudo. Tínhamos um casamento aberto e eu sabia que ele dormia com a Joyce e com a Lucia de vez em quando. Depois que ele mudou para o México que a coisa apertou, eu fui com ele, mas me convidaram para dar aulas no Rio e eu voltei sozinha. Você sabe que nós nunca divorciamos? Depois teve o Fonseca, que me enlouquecia na cama, mas que era discordância política sem parar – tipo, ele era do governo Chagas Freitas... A separação foi foda, minha irmã, ele me procurava quase toda noite etc. Foi nessa época que eu reencontrei a Aninha...

– E abandonou os homens.

– Ih, amiga, essa coisa de abandonar eu não acredito. Acho que aquilo que já me erotizou algum dia nunca deixa totalmente de ser excitante. Com o tempo mais coisas me excitam, mais coisas me parecem sensuais. Os homens me deram muito prazer... Mas definitivamente amo mais as mulheres, são mais hedonistas, menos falocêntricas, sabem inventar zonas erógenas por todo corpo, pelo menos comigo sempre foi assim... Os homens serviram mais para minha boemia, pra uma trepada bem cadela e para casar, enfim,

como achei que deveria em algum momento. Agora velha, não imagino minha vida sem uma mulher. Adoro ruga e dedilhar histórias despreziosas e maravilhosas. Mas claro que não negaria um capoeirista bem gostoso, ahahaha.

– Regina, eu tava pensando muito nessas crises universais da terceira idade, querida, foi ótimo encontrar você, perfeito!!! Eu estou voltando pro Rio de Janeiro e estou com uns contatos em Salvador e em Natal, você sabe, sou pragmática até o útero. To a fim de montar um bordel pra atender nossos, digamos, desatinos eróticos. Tava mesmo precisando de uma sócia, o que você acha de montarmos um plano?

– Élida, Élida, tuas ideias. Você tá pensando em um bordel só pras que tão virando o cabo da boa esperança como nós?

– Não, achei que o fato de estarmos velhas, é uma inspiração, mas, na real, sempre pensei no que seria um bordel que atendesse vários tipos de desejos, sem exploração dos trabalhadores, com oficinas de formação sexual para vários segmentos e ainda por cima, massagens eróticas, nega!!!

– Você sabe que eu e a Aninha passamos seis meses em Moçambique – já faz uns 15 anos. Lá a gente frequentou uma escola de sexo por um mês. Era uma escola para mulheres apenas, aprendemos pompoarismo, fizemos lulas na buceta... ahahahah. Élida, eu sempre quis ensinar pompoarismo para as mulheres – acho que é o segredo das bruxas: ou saímos voando de vassoura ou seguramos o mundo com os músculos da nossa xana... hahaha...

– Pois é, Regina, eu fico pensando em que lugar eu quero viver minha velhice e me parece ser esse um lugar ideal. Banhos quentes, massagens, hedonismo, prazer, descobertas eróticas, bem estar, suavidade, com um padrão sexual elevado, nada banal, onde a sensualidade, o erotismo



fosse o diferencial do local, nesse sentido não bastaria colocar um monte de gente bem intencionada, mas de criar mesmo um programa, uma metodologia, um sistema e uma fama, saca?

– Ai Élida, que projeto ousado. Eu topo com certeza, Aninha vai pirar nesse lance! Já estou meio embriagada, não vejo a hora de contar pra ela, só pra ver a cara dela. Ai que delícia. Só não formar uma escola. Por favor, escola não. Tem que ser um bordel pra sacanagem, e podemos conjuntamente dar uns cursos. Poderia ser um bordel descentralizado. Como um bordel virtual que tivesse alguns contratos de locação com pequenos e grandes hotéis do país. Que tivéssemos encontros virtuais e presenciais entre a equipe de trabalhadores e também cursos para formação de profissionais do sexo, homens, mulheres, travestis, lésbicas, todo esses LGBTTs. Criamos um nome fictício e a partir dessa “marca” podemos oferecer cursos abertos como o de pompoarismo. Podíamos ter alguns pequenos lugares ao longo do Brasil, como um no interior de São Paulo, outro em Salvador e conforme for indo os negócios vamos abrindo mais alguns, com associados locais, para que a gente pudesse ter a distribuição do prazer para todos que precisam, num preço legal e com equipe altamente qualificada. E também para termos nossos próprios espaços para as imersões de equipe e também para os cursos, hehehe, pra receber o pessoal de fora.

– Uau, de uma sócia assim que eu precisava Regina. Cheia de vontade, com a cabeça boa pra inventar o futuro, ahahahah.

– Élida, eu tenho uma casa na praia das Perobas, em Touros, no Rio Grande do Norte. Lá eu conheço uns rapazes locais que visitam as hóspedes da Pousada do Vozinho de noite por duzentos reais. Geralmente são poucas mulheres ainda e muitos rapazes para o serviço, é como na Jamaica, as

mulheres mais ou menos acertam um pacote de uma semana com o serviço incluído. Sempre penso em fazer alguma coisa com minha casa lá...

– Puxa, isso seria muito interessante. Uma casa no litoral Norte, lugar discreto, para descanso e para fazer amor profissional, massagem, vídeos. Nós podemos inclusive criar uma pedagogia construída coletivamente por toda equipe, cada um falando da sua experiência, das suas motivações para se meterem nesse tipo de negócios, podemos inclusive lançar uma marca de camisinha!!! Ahahahah, estou tão excitada com essa ideia. Regina, você aceita ser minha sócia?

– Já aceitei. Nós podemos começar com os rapazes de Perobas e com o... Vou te apresentar o Isaías, um rapaz que eu conheci lavando carros na faculdade. Depois estudou, foi fazer antropologia, foi estudar as putas de Copacabana e está fazendo um doutorado com bolsa lá na UERJ. Ele completa o orçamento – adora carros caros – fazendo esse tipo de serviço para estrangeiras. Ele só cobra em euro e conhece vários outros rapazes que fazem isso.

– Regina, e as lésbicas? Temos que nos concentrar nelas com dedicação. Odeio puta que não gosta de sair com mulher! Sempre me ofendeu essa história. Mas é porque o mercado era mais restrito, agora é nós minha amiga! Somos trabalhadoras do prazer. Somos agenciadoras do prazer a todos sem discriminação e também temos que formar uma equipe bacana de gente que queira mesmo esse negócio, tem que ensinar a galera a chupar. Faremos um grupo de educadores sexuais, mas sem escola, por favor!!! Descentralização!! Temos também que ter uma boa publicidade, porque essas propagandas pornográficas me dão nojo: só bunda e seio e homem cheio de músculo. Queria que nossa publicidade fosse feita para pessoas normais, pessoas comuns, sem extravagância de super corpos, somos responsáveis por desvencilhar o erotismo da super máquina.

Temos que valorizar os pedaços de carne flácida, os punhados de peles enrugadas, os seios fartos e caídos, o saco espichado e associar tudo isso com prazer.

– Sim, você sabe Élide, eu sempre fui da turma do prazer. Mesmo no tempo da minha militância na O. Muitas vezes disseram que eu era da ala da putaria no movimento feminista e eu dizia que há uma dimensão de puta em todas as mulheres – em todas as pessoas. E a gente enfia pra dentro do armário, querendo fazer com que liberação não seja putaria. O serviço de dar prazer é parte da nossa constituição – não pode ter nada de errado em vender esse serviço, é um serviço e um serviço político, de reerotizar o que ficou inanimado, abandonado, desprezado pela matriz sexual... Élide, este é o projeto da minha vida – eu preciso te abraçar!

– Mas me conta como você consegue dar conta de falar que um bordel de sacanagem seja um serviço político, inda mais pensando nessa nossa tradição de esquerda, feminista e tudo isso? Talvez seja exatamente o embate ético e político que me paralisou tanto tempo, me impedindo de colocar pra frente esse projeto. Além disso, se convenceremos todo mundo que é projeto político, daqui a pouco vão nos chamar para implantá-lo como política pública pelo Brasil afora, ahahahah...

– É Élide, não sabemos onde vai parar essa coisa. Acho que existe uma tradição de puritanismo na esquerda – e no feminismo. É a coisa de saber o que é uma mulher liberada e achar que é muito diferente uma mulher liberada de uma puta. Eu sentia esse embate também, querida, toda a minha vida me diziam que política não chega na rua das putas. Eu dizia, por quê? Eu sempre achei que o patriarcado se impunha com a pornografia e com a prostituição das mulheres e nunca dos homens: dinheiro por xoxota, o negócio do patriarca, como dizíamos trinta anos atrás. Se serviço de puta não é político, então o feminismo para mim é

perfumaria! Pô, nós dizíamos que o que é pessoal é político e quanto mais nós socamos nossas vergoinhas pra dentro da gaveta secreta mais políticas elas ficam!

– Por que o serviço de puta seria político? Me ajuda a achar um argumento bem convincente!! Preciso disso sócia maluca!

– Hummm, deixa eu ver... É um serviço de regulação das energias eróticas. Todas as mulheres tem medo de serem consideradas putas, não? As putas são o patriarcado em forma bruta, dinheiro por xoxota. É ali, nos bueiros das relações patriarcais que escorre o esgoto, nada mais político que o lixo, não é? As putas foram colocadas a serviço de manter os homens como homens e, ao mesmo tempo, de satisfazer os desejos que não cabem na ordem sexual vigente. Putas são parte da engrenagem. Mas não é só isso, existe alguma coisa ontológica na putaria, entende? Um estado de disponibilidade para o desejo dos outros – um estado de entrega, não um estado mansinho, um estado que abre as pernas com a força de um maremoto. E este estado faz um serviço, um serviço erótico. Claro, porque puta é tipicamente mulher, ficou sendo um serviço baixo. No nosso bordel, nós vamos inverter isso, nós vamos oferecer homens por dinheiro, mas nem é porque todos podemos ser objetos sexuais, mas porque subvertemos a ordem erótica se oferecermos prazer para todo mundo... Uma satisfação à disposição de todos – para desregular as compotas do sistema sexual. E é claro, porque hoje algum dinheiro já para nas bolsas das mulheres sem ter machos vigiando...

– É, à questão da aliança dos serviços baixos com o lixo. Nós somos as recycleiras. Nada mais banal. A questão que me pega mais pesado nessa coisa da inversão é que o serviço pra mulher é mais delicado. Quer dizer, enquanto um homem na maioria das vezes vai pensar em penetração em relação a um serviço desses, a mulher vai pensar nas benditas

preliminares. E preliminares é, diga-se de passagem, um bom nome para nossa empresa. A inversão, nesse caso, é total, é como se a prostituição feminina tivesse colaborado com a ideia de ser a lixeira do lixo, que na verdade é o esperma. Não sei, parece meio careta, mas me pega. Como formamos uma equipe de profissionais do sexo onde a grande questão para de ser a penetração e ejaculação e passe a ser um prazer mais desmedido, mais intenso e de preferência mais orgástico? Quero dizer, o serviço é político sim, mas quero também que seja revolucionário, por isso é necessário pensarmos na questão do pagamento. Ahahahha, amiga, tô adorando você de minha sócia!

– Élida, e como você imagina que vamos cobrar?

– Contribuição para sobrevivência do serviço! O negócio é que essa equipe então tem que ser bem aberta. E não vamos esquecer que vai rolar um monte de mulher poderosa como usuária dos nossos serviços, nesse caso temos que valorizar o serviço e ficar de sobreaviso, porque não aceitaremos exploração, mas sim, acho incrível que não sejamos mega empresárias do coito, mas revolucionárias do desejo!!! Ixi, to me sentindo nos 60 de novo!!! Com a diferença que posso pagar, mesmo falida, uísque bom. Garçom, mais um uísque!

– Single malt! To achando ótimo, Élida. Preliminares, acho que é um nome perfeito para nós. E, imagina, mulher, uma camisinha da marca “preliminares”...

– Fia, tínhamos que conseguir uma borracha de bicho. Deveríamos voltar à fase das camisinhas feitas de bucho de porco, ahahah, um brinde! Às preliminares!

– Eita, Élida, bucho de porco! Matar porco pra não fazer gente? Vamos começar com as preliminares, anunciando nossos serviços para qualquer idade, qualquer sexo, qualquer raça. E, bem baixinho, para qualquer faixa de renda! Eu quero preliminares espalhados por todos os hotéis

da cidade, todos os cafofos, todas as rodas de sinuca nos botecos... É a marca do nosso feminismo que ama sexo: erotismo por todos os lados, de todos os jeitos, de todas as posições, com todos os órgãos. Dissolver a penetração em um mar de práticas sexuais preliminares – imagino que a Andrea Dworkin, no fundo, no fundo, gostaria um pouco disso... E, claro, não é preliminar a nada, tudo é apenas preliminar de outras preliminares; não há fim das preliminares...

– É, tem essa coisa de matar os porcos... Mas vamos combinar que esse latex das camisinhas atuais são um horror, tanto camisinha de homem quanto de mulher. Eu preferiria uma proteção mais orgânica, algo do tipo camisinha orgânica por produção genética! Podemos pegar pesado, fazer isso. Entrar com uma proposta no Cnpq! Como pesquisadoras, afinal, ambas somos professoras universitárias, nega!

– A Aninha vai pirar no projeto, como começamos? Qual o primeiro passo?

– O primeiro passo é pagar a conta e trocar de bar, pois já tô na fase de cantar o garçom.

Nós nos tornamos sócias na Preliminares. Já fazem dois anos que estamos nessa e já tem Preliminares em cinco cidades diferentes. E queremos infectar mais. Mas passo muitas semanas sem encontrar a Élide; quando encontro, ela abre um sorriso de boca inteira, mostra os dentes tortos e desvia os olhos como se já tivesse entregado toda a cumplicidade. Nunca fizemos política tão intensamente.

*“... às vezes amar é  
uma maneira de  
vingar, a entrega  
incondicional é o  
início da corrosão”*





## medeias

Engrenagens. Os corpos firmes são engrenagens, o volante está à disposição. Nas montanhas o sol se põe por horas, sempre há mais dia depois que o dia termina. Minas Gerais. Esta Medeia estava cansada há cinco anos – a filha Clarice, o filho Geraldo. Eram filha e filho por aproximação; ambos nasceram quase – quase um filho, quase uma filha. Jasão resolveu adotar a aproximação. Há três anos ele passava quase todas as horas do dia com Gláucio, um peão que cuidava do gado; zeloso, calado, rente. Medeia, como sempre, viera de longe, pra lá de Capetinga; e Jasão era do sul. Gláucio era sangue de Diamantina, sangue, linfa, veias, nuca, os dedos do pé todos com as formas da terra, como os que têm o coração situado no endereço do calcanhar. Era claro que Jasão queria de Gláucio aquele enraizamento sem hesitação – a vontade do músculo diante do pulso hirto. Jasão se embrenhava na terra, no cheiro da erva, na merda da égua, nas formas da montanha, em Gláucio.

Medeia todo o dia circulava em volta das demandas de Geraldo e Clarice, que ignorantes da sua condição de netos de algum sol de primavera com cheiros de flores nascentes, brilhavam e brilhavam pensando captar toda sua atenção. Nos momentos de desleixo ela perseguia com os olhos o horizonte destamanhado e pensava nas vidas que poderia ter

tido, na que queria ter e na sua imatura ideia de escravizar todos os desconhecimentos do mundo, desde seus filhos até a terra estranha a qual Jasão, toda noite na sua cama, se habituava, injetando por meio das mãos toda a vermelhidão pelas artérias a cada jornada de trabalho sem palavras com Gláucio. Ela arfava, esperava e requentava em melodia sonora a memória de suas antigas receitas de ervas aromáticas, alucinógenas, abortivas e afrodisíacas. Rememorava-as num canto miúdo cheias de gírias que só ela poderia lembrar. Ela sabia e sempre soube que havia mais que bois entre Jasão e Gláucio, lascivos, prementes, as peles de manhã quase metálicas. Medeia via e de noite sentia a pele de Jasão cheia de vontades da terra, cheia de casco de besouro da terra, cheia da rispidez dos dedos dos pés dos machos. Teve ciúme da terra, da merda, daquilo que parecia tão maior que ela, que de fato era maior que ela. Sua habilidade de memória e manipulação se masturbava em seu ciúme e sua infância de bruxa lhe outorgava poderes de gozo com esse que agora parecia ser o amor de Jasão.

Tantas noites em que a lua não aparece nem o sol desaparece ela derramou seu líquido branco e de cheiro nervoso sobre a bola redonda em todas suas manifestações: verdes arbustos, pedregulhos ossificados, troncos ressecados, areias brilhantes e pálidas. A Terra era sua e não lhe tiraria sua maior paixão. Talvez estivesse enganada e pensou o inconcebível: Jasão queria ser ela, ser Medeia e ter seu poder de sangrar óvulos férteis sobre os homens. Daí lhe faltava subsídios para pensar, não estava preparada para um grau de traição tão, tão, tão sensível. Jasão queria ser Medeia. Depois de noites insone, de cantigas esporádicas sobre os diâmetros de todos tipos de traições, depois de odiá-los, depois de pensar em matar Gláucio e seus próprios filhos para recuperar sua feitiçaria legítima, depois de subestimar Jasão por ser tão fraco em sua vontade devotada a ela a anos atrás.

Ela pensou: em nome da minha escravidão voluntária a esse homem, em nome do que represento para todas as mulheres do mundo que um dia nasceram e ainda nascerão, em nome do inominável orgulho que carrego nas mamilas; eu posso ajudá-lo a ser eu!

Ela poderia ajudar – ela sabia como ser ela, ainda que ser ela fosse sempre uma distorção, um escorregão na escada, já que Jasão queria aquele tombo. Ela começou a pensar nas doses de natureza medida que desencadearia a benção.

Vieram as semanas em que Gláucio se retorcia de dia e sumia de noite. Medeia sentia pelo ovário das narinas o cheiro do que lhe acontecia; a umidade de quem tinha mais fôlego molhava os lábios do peão quando comiam em silêncio o torresmo, matéria vermelha e cheia de barulho, e se olhavam. Gláucio tinha a pele de quem havia sido delineado. Em cada movimento que provocava suor ou temor estavam ervas danadinhas e sapecas bem como as de Medeia. Ela, mesmo em meio ao minucioso e moroso empreendimento de entortamento dos desejos, se perguntava se Gláucio amaria Jasão feito ela o amou e mais, se sentiria tão densamente o dedo indicador forte e dedicado de Jasão, que soube provocar-lhe por tantos anos jorros de palavras baixas e confissões de segredos soltos. Ela pensava que não. Era como se os dois vivessem em um planeta redondo, como se a Terra fosse um ponto de confluência e só Jasão poderia amar como ela e esse seria seu único castigo: amar demais, mais do que poderia suportar e seria ele o escravo voluntário. As torrentes químicas que o levavam ao encontro do peão e os gotejamentos desmedidos de Medeia na hora da fabricação se perderiam para nunca mais. Porém já Gláucio tinha suas nimbus e suas cumulus assentadas sobre outras montanhas: Creusa, a baiana que aparecera para trabalhar na venda. Jasão, medeico, pressentia.

Os dias na escuta de um só dia passavam com os três sempre se vendo. Em volta deles o pequeno Geraldo, a pequena Clarice – seus comportamentos alternados, duas macieiras no parque dos ainda-não. Geraldo com suas coleções de diademas e de metralhadoras de plástico; Clarice com seus vestidos de renda e seus caminhões de madeira no quintal. Os dois arremessados como potros sem estribo pelas eiras e beiras de Jasão entre o estábulo de Gláucio e a alcova de Medeia – bruxos. Entre Clarice e Geraldo sabiam que para além de Gláucio entre os cavalos havia Creusa, que Creusa vinha tarde da noite quando Gláucio recolhia o que estava no escuro. Entre os dois sabiam e nenhum dos dois sabia contar – sentiam pela tensão das cordas, que havia um outro ângulo enganchado naquele triângulo doméstico. Era Jasão sempre que prestava atenção se Clarice estava tomando suas poções de crescer mulherzinha, se Geraldo estava engolindo suas cápsulas masculinas. Mesmo naqueles tempos escorregadios, Jasão gostava das coisas bem delineadas e desviava a cabeça da pitonisa que lhe falara duas vezes pelas formas das genitálias das suas crianças. Os médicos diziam que sem aquela química constante, Clarice e Geraldo ficariam pela metade de um caminho que as outras pessoas todas percorrem sozinhas. Talvez não fosse esse caminho o deles, hesitava às vezes quando cercado pelas fumaças de Medeia. Podia ser que anatomia fosse potência, disposição, possibilidade. E, no entanto, Jasão quase sempre se sentia o pai que ainda teria um filho e uma filha. Era preciso que nenhum deles se descuidasse dos medicamentos – afora isso, suas preocupações se embrenhavam nas noites de Gláucio.

Foi numa madrugada que Jasão acordou e ouviu Creusa pelo quarto onde dormia Gláucio e ouviu Gláucio demais. Quando começou a manhã estava chorando aos pés de Medeia: viu demais quando Creusa foi saindo antes dos primeiros raios de sol. Como poderia ele, homem, casado e pai de família ocupar o espaço da Creusa da venda na vida de Gláucio?

Jasão não sabia que seu secreto devaneio erótico com Gláucio se tornaria o estatuto da vingança de Medeia, apesar de conhecê-la em suas intuições assertivas, pensava passar despercebida sua fissura pelo empregado. Mal sabia ele que já era platô de experimentação de Medeia, que de tanto amor, e de tanto bruxa, não se limitaria a aceitar a dor, mas tornaria a causa da dor seu próprio desprendimento. A vingança, todos que conhecem Medeia sabem, é molécula de molusco, tem patas que viram olhos, tem reentrâncias que viram protuberâncias; é forma disforme. Às vezes amar é uma maneira de vingar, a entrega incondicional é o início da corrosão. Nem Medeia, naquele seu torpor lúcido ainda sabia se mancomunava. Queria ajudar seu amor e nunca tratava suas loções como poções de efeito controlado: Jasão já era experimentação – uma feiticeira nunca separa o ar que exala do efeito que provoca. Nem separava seu ovário produtivo de suas palavras, que eram quase sempre ao mesmo tempo mantras e cochichos. O segredinho de Jasão se tornou desejo incontrolável, ardia de paixão por Gláucio, alucinava com a morte de Creusa, definia os papéis dos filhos intersexos, e se corroía de segredos até não mais poder. Geraldo e Clarice trocavam sexos e brincadeiras infantis, sendo ora amantes, ora empregados, ora esposas, ora esposos gays, trocavam os sexos dos bonecos, penduravam pênis nas árvores, abriam craterinhas em forma de bucetas, faziam uma orgia criativa e às vezes até maldosa quando matavam passarinhos e costuravam seus sexos num só, já sensibilizados por um padrão cotidiano de ritos e práticas oratórias ininteligíveis para todas as outras crianças atônitas que os assistiam. É que impunham respeito, por serem pura diferença e atacarem diretamente os brios dos comuns corajosos que participavam das suas brincadeiras. Medeia sofria, mas não deixava de se agradar com toda ebulição que borbulhava das suas ervas, e às vezes era pega sozinha às gargalhadas. Medeia se satisfazia em meio às suas lágrimas já

que sentia uma nostalgia imperiosa do que tinha acabado de passar; também seu útero emocional transitava. E ela via suas crianças cercadas de encantamentos em forma de brinquedo – elas viam com muitos olhos tudo o que se passava em volta e brincavam como brincavam com os besouros que achavam no chão; ela não se preocupava. Jasão é que foi se tornando cada dia mais distante já que nem com Medeia tinha a força para pronunciar as palavras que lhe provocavam Gláucio. E nem via de que brincavam seus filhos, perdera os sentidos comuns, anestesiado do que não tinha o cheiro de Gláucio lhe escapando. Anestesiado, e telúrico.

Foram os cabelos que se transformaram primeiro: fios mais grossos, mais exuberância. Em algumas semanas ele cortou os cabelos que lhe parecia que haviam crescido demais. Usou uma tesoura grande, a mesma com que cortava os sacos de adubo quando precisava. Só quando as mechas estavam no chão do estábulo é que lhe pareceu que eram fios de Medeia. Sentia dores nas mamilas olhava-se no espelho sentindo-se mais gordo, seus lábios um pouco inchados, notava que seus olhos ficavam mais esverdeados e sentia-se mais convocado a minuciosidades.

A mudança era tão vagarosa que não notava, mas para as crianças já era evidente que seu pai estava virando mamãe... Só Jasão não percebia. Medeia despiu-se quando ele chegava em casa e consolava com seus seios nus a angústia do macho que desejava demais. Consolava-o da atual mudança e do abandono futuro. Foi Creusa que chamou a atenção de Gláucio para os trejeitos de Jasão, que passou a ter mais cuidado com o patrão e lhe ajudar com pesos que antes não precisava. Também havia partes de Jasão que notavam a mediação gradativa e segura – demorava horas cuidando da horta da esposa, cheirando as folhas e gostando de sentir efeitos em miniatura. Mas a Medeia dentro dele começou ainda muito podada,

sonâmbula, como uma infecção oportuna. Foi devagar que foi virando enxurrada, foi virando corpo estranho, ele gritando para que Gláucio lhe ajudasse a pular sobre os mata-burros, de mãos dadas.

Uma noite, bem tarde, certificado de que Creusa não havia vindo, Jasão sentiu a compulsão de ir até o quarto onde dormia Gláucio. Medeia dormia profundamente. Clarice e Geraldo haviam acordado minutos antes e bebiam água com sonolência – eles muitas vezes acordavam juntos no meio da noite, como se os desejos de um escapulissem para a pele do outro. Clarice contava sonhos a Geraldo; algo sobre a casa estar cercada de prédios altos, como nas cidades, de onde se via e ouvia tudo o que se passava na casa. Geraldo perguntava que tudo era aquele, e Clarice sorria como se não precisasse responder – eles estavam furtivos e cúmplices de uma maneira que deixava Jasão sempre com a impressão de que havia ali uma desordem a ser evitada, algum distúrbio desencomendado. Levou os dois de volta às camas, os dois caminhando sem resistências – parecia que sabiam futuros e conheciam intenções. Mas Jasão não podia se dar ao luxo de pensar sobre as caraminholas das crianças agora. Apagou as luzes e, depois de apenas umas poucas hesitações, estava batendo na porta do quarto de Gláucio.

Gláucio achou estranho, mas não conseguiu evitar gozar. Primeiro achou que fosse Medeia, depois se deu conta que era Jasão, mas parecia Jaso. Uma mulher Jasão parecida com Medeia. Naquela família nada era muito comum, se acostumou depressa ao balançar dos quadris encima de seu pênis, e desejou acabar logo com aquela confusão. Jasão enfim era mulher e obteve seu homem pela primeira vez. Seria a última. No outro dia nem Gláucio, nem Creusa, nem Medeia se encontravam mais na fazenda. Todos sumiram. Jasão procurou os filhos. Eles estavam na beira do rio, deitados nas pedras sem roupa e sujos de manga.

O tempo das mangas vinha sempre antecipado naquelas duas mangueiras perto do rio – parecia que elas germinavam com ansiedade. Muitos anos atrás, quando chegou naquelas terras com Medeia eles apelidaram as duas mangueiras com seus nomes. Havia o rio correndo entre eles, cheio de pedras, mas uns galhos frondosos de Medeia já roçavam em Jasão; agora os galhos se confundiam, faziam uma sombra só sobre o rio e Geraldo e Clarice passavam horas melando a cara nas mangas que caíam sempre antes do tempo. Jasão tinha dormido demais, se arrastou para sua cama depois do acontecido pensando que havia uma mulher capaz de despertar as carnes de Gláucio dentro de si. Jasão se permitiu deitar com os filhos depois de um longo mergulho no poço mais fundo entre as pedras. Clarice lhe perguntou como sabia distinguir as mangas de Medeia das mangas de Jasão quando elas caíam ali por perto do rio. Jasão não sabia como distinguiu, sabia que bastava cheirar a fruta para saber de onde ela tinha caído. O cheiro das que vinham de Jasão sempre pareceu mais ralo, quase como o cheiro de um suco de manga, fruta diluída, que havia se desencaminhado de sua polpa.

O sol já estava alto e Medeia tinha ido com Gláucio colher ervas para tentar baixar a febre de Creusa que não baixava desde a noite anterior. Creusa tinha um mal de mosquito que contraíra desde pequena e suas febres lhe arrancavam o peso, ela se diluía, ficava esquelética depois de algumas horas – e sem força para levantar as pernas. Jasão se deitou nas pedras de onde em meio a uma prosa distante sobre o mal de Creusa, contemplava os corpos de seus filhos. Ele sentia a ambiguidade que eles trouxeram à sua vida. Naquela tarde, ele conseguiu dar uma trégua à sua luta secreta contra a desordem dos desejos e respirou com os ares de suas crianças, desordenadas, o corpo estendido sobre uma pedra grande, os pés molhando na corrente da água.



Porém sua calma estava distante do que acontecia do outro lado da trama, onde a vida de Creusa tinha sido colocada no meio dos desejos rubicões de Jasão, nos tormentos de dia seguinte de Gláucio e nas ervas de Medeia que podiam despejar vida e morte por todos os lados. Ao manipular folhas e raízes para preparar remédio para Creusa, Medeia olhou para Gláucio e sentiu de súbito como o marido: arrepiada a espinha, acelerado o coração, rápida a respiração, mãos trêmulas. Era como se houvesse um vaso comunicante com o marido – duas mangueiras que sombreiam o rio misturadas. Já Gláucio via Medeia precisa cortando folhas, picando troncos, raspando caroços, torto e confuso da noite que aconteceu quase sem sono, pegou os quadris de Medeia por trás, levantou sua saia devagar e pousou a língua em sua buceta, como se investigasse se era mesmo ela ou se era o outro. Medeia gemeu primeiro de excitação, depois de susto e logo de desejo. Ela sentiu o que achava que Jasão queria sentir – mas largou logo mão de se dar conta disso. No meio das ervas tiveram uma trepada alucinante, como há muito tempo não tinham, pois o cheiro das ervas misturadas aos líquidos soltos que brotavam dos seus sexos e suas bocas, e mais uma dose de proibição e perigo, deixaram os dois apaixonados em instante, enquanto Creusa agonizava em sua desesperada tentativa de sobreviver. Quando chegaram ofegantes e crianças ao quarto da moribunda, esta já tinha os abandonado. Medeia sabia que esse amor repentino era espécie de veneno final para Creusa, já inoculada pela noite de Jasão com Gláucio. Creusa aterrissar na trama inconveniente. Já para Medeia, a inoculação do desejo do marido não lhe importava, rompeu com amarras do sofrimento de viver o amor mediado, através dos murmúrios do marido. Cansei, quero amor fresco, vigor, saída. Foi assim que partiram sem dizer muita palavra, e sumiram na estradinha de terra esburacada, sem levar nem mala, nem filhos, sem culpa.

Jasão ficou sem Gláucio, sem Creusa, sem Medeia. Desordenou. Suas hortas primeiro desandaram e depois deram de virar roça sem geometria. Começou a entender mais e mais das ervas e dos filhos. Maldição, vingança, tormento dos desejos contidos: nem precisava matutar para saber que acontecia. Ficou no hábito de murmurar para si mesmo quando andava perto do rio com Geraldo e Clarice: não haverá cirurgia, não haverá castração, seremos a ilha dos pequenos, dos pequenos fortes, contendo desejos.



Este livro teve seu projeto gráfico elaborado e foi diagramado pela Editora Ex Libris, composto em Cooper e BROADSHEET e impresso no parque gráfico da Kaco Gráfica, na cidade de Brasília-DF, para a Editora Ex Libris, em setembro de 2010.